

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

PAULO OLIVIER RAMOS RODRIGUES

CAÇAR PARA TORNAR-SE - UM ESTUDO
ETNOGRÁFICO SOBRE A INDIVIDUAÇÃO
TÉCNICA DE HUMANOS E NÃO-HUMANOS NUM
CONTEXTO PERDIGUEIRO

FLORIANÓPOLIS
2017

PAULO OLIVIER RAMOS RODRIGUES

**CAÇAR PARA TORNAR-SE - UM ESTUDO
ETNOGRÁFICO SOBRE A INDIVIDUAÇÃO
TÉCNICA DE HUMANOS E NÃO-HUMANOS**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como exigência para a
obtenção do título de Bacharel em
Antropologia pela Universidade Federal
de Santa Catarina

Orientador: Professor Dr. Rafael Victorino Devos

FLORIANÓPOLIS
2017

PAULO OLIVIER RAMOS RODRIGUES

**CAÇAR PARA TORNAR-SE - UM ESTUDO
ETNOGRÁFICO SOBRE A INDIVIDUAÇÃO
TÉCNICA DE HUMANOS E NÃO-HUMANOS EM
UM CONTEXTO PERDIGUEIRO**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como exigência para a
obtenção do título de Bacharel em
Antropologia pela Universidade Federal
de Santa Catarina

Florianópolis em: ____ de _____ de 2017.

Prof.^a Maria Eugenia Dominguez Dr^a Coordenadora do Curso de Graduação em
Antropologia

Banca Examinadora:

Prof. Rafael Victorino Devos, Dr.
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Gabriel Coutinho Barbosa, Dr.
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Jeremy Deturche, Dr.
Universidade Federal de Santa Catarina

AGRADECIMENTOS

Eis que chega minha hora de escrever essa formalidade tão cheia de clichês, pensas que encontrará algo diferente por aqui? Engana-se.

Gostaria de agradecer a todas as pessoas que foram envolvidas direta ou indiretamente no presente trabalho, bem como em meu tempo de graduação no curso de Antropologia.

Agradeço à minha Mãe pelo apoio e compreensão, os quais são uma fonte que nunca secará. À minha irmã, por sempre me apoiar e por ter sido a pessoa que semeou a semente da antropologia em meus pensamentos e desejos. Um dia ainda viajaremos a Ixtlan.

Um salve ao meus amigos, tanto aos que me acompanham a longo tempo nessa vida, bem como às lindas pessoas com as quais pude estabelecer uma relação de amizade, no período em que investi em minha graduação, a elas um salve especial, pois me ajudaram muito em minha formação antropológica, no que diz respeito a questões mais diversas, bem como às que se apresentam no presente trabalho.

Agradeço, profundamente, ao meu orientador e camarada Professor Dr. Rafael Victorino Devos, por ser essa pessoa interessada no que seus alunos propõem e se esse trabalho veio a ser escrito, com certeza, foi por força de seu auxílio e interesse que alimentaram meu desejo de fazê-lo.

Um salve a todas as pessoas que participaram dos encontros do Coletivo de Estudos em Ambientes, Percepções e Práticas - CANOA/UFSC, os quais geraram sempre boas discussões que ajudaram em grande medida os escritos desenvolvidos aqui.

Agradeço, imensuravelmente, ao grupo de caçadores e *caçadoras* com o qual pude desenvolver meu trabalho de campo. Agradeço a hospitalidade e a paciência com a que fui recebido, que me marcaram profundamente e por meio desse trabalho, minha gratidão, mesmo que de forma diminuta, pela ótima experiência que pude compartilhar com todos.

Agradeço imensamente a todos!

RESUMO

As páginas que seguem dizem respeito a um Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação de cunho Antropológico, que veio a ser desenvolvido, nos invernos de 2015 e de 2016, entre um grupo de caça esportiva. Esses moradores da serra gaúcha, que anualmente, no período da temporada de caça, na estação do inverno, locomovem-se na direção dos campos uruguaios para encontrar o que desejam, a caçada de perdizes. Utilizo-me dos dados obtidos em campo, para refletir acerca das técnicas envolvidas nessa prática, no que diz respeito aos humanos e aos não-humanos participantes, (cães, perdizes, espingardas, etc.), a partir de uma perspectiva ecológica. Em um segundo momento do trabalho, venho a refletir sobre o processo de aprendizagem dos cachorros da raça *pointer ingles* acerca da técnica empregada nas caçadas. Com isso venho a refletir sobre um processo de gênese técnico-perceptiva que vem a ser força motriz para alguns processos de individuação presentes no trabalho.

Palavras Chave: Caça Esportiva, Técnica, Humanos e Não-humanos, Percepção do Ambiente, Individuação.

ABSTRACT

The following pages, concern about a Conclusion Graduated Work of anthropological line, which was made in 2015 and 2016 in the wintertime among a group of sport hunting. These residents from mountain range used to go towards Uruguayan field to find what they desire, partridges. I work over my field data to think about the techniques, which are used in this practice, trying to think about the relation between the humans and non-humans (dogs, partridges, shotguns, etc.), starting from a ecological perspective. In the second moment of this work, I try to think about the learning process of English pointer dogs about the techniques, which are used in the hunting. Therewith I came to reflect about a process technical-perceptive genesis that is the driving force for a few individuation processes presents at work.

Key Worlds: Sport Hunting, Techniques, Humans and Non-humans, Perception of the Environment, Individuation.

LISTA DE FIGURAS

Figura 2.1: Sequencia de frames - Celso e Asta.....	12
Figura 2.2: Sequencia de frames - Davi e Chispa.....	14
Figura 2.3: Sequencia de frames - Antônio e Brina.....	18
Figura 2.4: Partes de uma espingarda.....	21
Figura 3.1: Treinamento para amarrar.....	31
Figura 3.2: Cão veterano, caçador e pointer-neófito.....	35
Figura 3.3: Mostrando a perdiz para o pointer-neófito.....	35

SUMÁRIO

	p.
1. INTRODUÇÃO	1
2. ENTRE HOMENS E CADELAS, CAÇADORES E CAÇADORAS: A TÉCNICA VENATÓRIA À PERDIZ.....	5
2.1 A PRÁTICA VENATÓRIA	8
3. QUATRO PEGADAS PARA TRÁS: NOTAS SOBRE O TREINAMENTO DOS <i>POINTER INGLESES</i> E SUA INDIVIDUAÇÃO CAÇADORA	26
3.1 O TREINAMENTO	27
4. CONCLUSÕES.....	42
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	44

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho, pode-se dizer, nasceu do mar, subiu a serra e chegou aos pampas uruguaios. Digo isso, pois a análise que deseja ser feita, diz respeito às técnicas envolvidas nas atividades venatórias exercidas por um grupo de caçadores de Caxias do Sul, RS Brasil, que pude acompanhar durante as temporadas de caça nos anos de 2015 e de 2016, no que compreende os meses de junho e julho da estação do inverno. Com idades de 50 a 70 anos, esses caçadores locomovem-se, anualmente, ao país vizinho Uruguai para acharem a caça que desejam, ou seja, as perdizes (*Rhynchotus rufescens rufescens*). Esse interesse surgiu em razão de um trabalho de campo que tive a oportunidade de fazer com os pescadores artesanais da praia do Campeche, Florianópolis, Brasil. Neste primeiro trabalho, pude estar em contato, não apenas com leituras sobre a antropologia da técnica, como também apreender um pouco da própria prática da pesca artesanal com os pescadores locais. Partindo desses primeiros contatos com as leituras e com o mundo da pesca artesanal ao qual pude ter acesso, pensei em como transpor o pouco que conheci para um outro tema distinto; e com isso chegamos a essas frases que aqui se desenvolvem, no presente trabalho.

A prática venatória compreende um campo de interações entre humanos e não-humanos. Como dito acima, a presa que se deseja encontrar são as perdizes, para o auxílio dessa busca, cachorros da raça *Pointer Inglês* participam da caçada para detectá-las; os caçadores utilizam-se também, de espingardas calibre 20, e alguns outros objetos como bonés, botas, cartucheiras, entre outros adereços de menos importância. Com isso, o que gostaria de abordar, nesta pesquisa, seriam as diversas relações existentes nesse processo que constituem mutuamente as partes envolvidas (caçador-cachorro-perdiz-campo.). Como aponta Otávio Velho (2001, p. 135): "A fenomenologia da percepção de Merleau-Ponty (1971), deslocando o foco de análise de um ser abstrato que dá sentido ao mundo para um ser-no-mundo", elucida parte do paradigma ecológico proposto por essa possibilidade de análise que aqui tomo como força motriz. Partindo de minhas observações acerca do processo cinegético, por uma perspectiva ecológica, onde as interações e as práticas devem ser pensadas como pontua Carlos Sautchuk (2007, p. 85) a partir "de uma ecologia da comunicação e da ação, onde o fator

propriamente ecológico está dado no comportamento dos seres (humanos e não-humanos) uns face aos outros.”, penso ser possível utilizar-me dessa abordagem para refletir o campo etnográfico com o qual pretendo trabalhar, para assim pensar as inter-relações que acontecem entre as partes que constituem mutuamente a técnica que aqui venho a discutir.

Com isso o recorte etnográfico que venho a fazer, como é explicitado acima, diz respeito às técnicas empregadas no contexto da caça a perdiz. Tendo em vista uma abordagem ecológica, no que diz respeito tanto às ações, como às comunicações que são necessárias para a ocorrência da prática aqui abordada. Sordi (2014) aponta para uma abundância de trabalhos que falam do tema referindo-se à caça de subsistência de grupos não ocidentais e suas cosmologias; porém, a produção antropológica sobre a caça moderna e desportiva é um tanto quanto escassa. Venho, por tanto, abordar o presente tema, com o intuito de colaborar na produção antropológica do respectivo tema, trazendo assim questões que se mostraram relevantes em meu trabalho de campo.

O presente trabalho é dividido em dois capítulos que pretendem discutir questões referentes ao ato venatório, pela luz de uma perspectiva ecológica das técnicas empregadas. No primeiro capítulo, **Entre homens e cadelas, caçadores e caçadoras: a técnica venatória à perdiz**, venho a falar brevemente sobre os preparativos para as idas dos caçadores da serra gaúcha aos campos do Uruguai, apresento a rotina de viagens e dos dias de caçada, para assim chegar ao momento em que me debruçarei sobre as questões relativas à técnica empregada pelos caçadores. Os pontos que virei a abordar são: a escolha dos campos para caça a perdiz; os gestos técnicos que exercem os *pointer inglês* na caça e logo assim na comunicação com o caçador; a técnica do tiro. Com isso chegarei ao ponto culminante dessa primeira parte do trabalho onde defendo uma individuação que provém de uma gênese técnica

O segundo capítulo se chama **Quatro pegadas para trás: notas sobre o treinamento dos *pointer ingleses* e sua individuação caçadora**. Notando a grande relevância que os *pointers* galgaram em meu trabalho e por um fato curioso que veio a acontecer comigo logo após minha primeira ida a campo, é que venho apresentar nessa segunda parte, a busca por uma maior compreensão de como se dava o aprendizado das técnicas empregadas pelos cachorros que auxiliavam no ato venatório. Venho a apresentar esse circuito de aprendizagem por uma chave de

leitura ecológica, onde tento refletir a relação que vem a se estabelecer entre os envolvidos nesse processo como sendo um desenvolvimento de uma socialidade onde tanto os *pointers* se iniciam em uma certa individuação a partir da relação estabelecida com seu treinador, bem como será a partir dessa socialidade e dessas técnicas aprendidas que tanto meus nativos humanos e caninos desenvolvem em sua gênese técnica.

Tentei utilizar-me metodologicamente em meu trabalho da ideia de “*participação observante*” lançada por Wacquant (2002). Sautchuk aposta nessa inversão dos termos “*observação participante*” cunhados por Malinowski (1998) para “*participação observante*” reelaborados por Wacquant, em razão de sua preocupação elucidada na seguinte citação: "Ora, frente ao desafio de compreender as interações técnicas da pesca, pareceu-me mais relevante justamente a relação contrária de prioridades, orientando os demais registros a partir da prática." (SAUTCHUK, 2007, p. 22). Pensando em enfrentar um desafio muito semelhante ao que o autor pontuar, propus-me a tomar essa inversão para compreender o que me era ensinado. Assim, procedi em meu primeiro capítulo. Diferentemente, no segundo, não pude usar o mesmo método em razão de o acontecimento ao qual estava interessado não estar ocorrendo durante o período de minha pesquisa. Logo, assim, na segunda parte do trabalho, lanço mão de entrevistas com um dos meus interlocutores para assim tecer minha reflexão.

Recorri, também, ao recurso imagético em ambas as seções do trabalho. Na primeira parte do trabalho, pretendi utilizar-me de pranchas fotográficas para elucidar as técnicas envolvidas na caça, tanto dos gestos feitos pelos *pointers*, como os dos caçadores. Não sendo possível chegar aos resultados esperados com a câmera fotográfica, em razão de os disparos da minha máquina estarem sempre atrasados ao que acontecia na prática, decidi por usar o recurso do vídeo para demonstrar as práticas cinegéticas, bem como os movimentos dos entes que a constituíam. Isso veio trazer diferentes reflexões acerca do que vinha a praticar e a observar, levando-me a buscar diferentes perspectivas do que queria retratar e discutir, e ter em consideração alguns conhecimentos específicos que me eram passados em campo por meus nativos, como bem aponta Alves (2004). Com isso gostaria apenas de salientar que utilizo vídeos para mostrar alguns momentos do meu trabalho de campo, os quais acompanham uma descrição e uma marcação na linha do tempo do vídeo dos gestos que virei a apresentar no decorrer do meu

trabalho. Também, retiro uma sequência de *frames* dos vídeos que acompanham o corpo do texto. No segundo capítulo, trago fotos que consegui com meu interlocutor e tento por meio delas mostrar o treinamento ao qual os filhotes *pointers* participam.

Com isso acredito ter salientado alguns pontos importantes acerca do trabalho que aqui é desenvolvido, esperando, assim, ter introduzido e elucidado o que virá a ser abordado. Sem mais delongas, vamos às caçadas!

2. ENTRE HOMENS E CADELAS, CAÇADORES E CAÇADORAS: A TÉCNICA VENATÓRIA À PERDIZ

As palavras que se desenvolvem abaixo dizem respeito a uma pesquisa que pude fazer a respeito da caça esportiva de perdizes com um grupo de caçadores. Ao compartilhar as experiências com eles de algo que os enchia tanto de vida, tentei entender a técnica envolvida nessa caçada. Diferentes habilidades eram postas em movimento e algumas vieram a ganhar mais relevância no que diz respeito às reflexões aqui apresentadas. Trago uma pergunta que permeou esse trabalho como um todo, e que serve como uma bússola nas frases que se seguem: de que maneira se pode entender a técnica que envolve a caça como uma habilidade compartilhada entre homens e *cachorras* ?

*

O inverno, para muitas pessoas, é uma estação de reclusão no seu tempo livre, para se esquentar, comer bem, fugir do frio, no aconchego de seu lar; porém, o que vim a encontrar, em minha pesquisa de campo, entre caçadores esportistas da cidade de Caxias do Sul, RS, foi exatamente o oposto. Pude acompanhar esse grupo de caçadores entre as temporadas de caça dos anos de 2015 e 2016, que se estendem dos meses de maio a julho; é durante esse período do ano, ou seja, na estação do inverno, que esse movimento ocorre.

O grupo que acompanhei era composto por quatro caçadores, residentes na cidade de Caxias do Sul, RS. Como dito acima, as idades dos caçadores variavam entre os 55 até 70 anos. Todos os indivíduos eram de classe média/média-alta, permito-me fazer esse apontamento, que tem como base os custos financeiros para a caçada, como a manutenção dos cachorros (ano inteiro, trato, vacinas, dentre outros), as licenças de caça, bem como os gastos da caçada como um todo, locomoção e alimentação. Estes locomovem-se até os campos localizados no Uruguai para caçar perdiz (*Rhynchotus rufescens*), em razão da proibição¹ da caça esportiva no território brasileiro. Os nomes dos caçadores que acompanhei, são:

¹ Para maiores informações sobre a questão ver: <http://www.proanima.org.br/noticias/caca-e-proibida-no-rio-grande-do-sul/>

Davi, Celso, Marco e Antônio². Pude ter contato com todos, porém durante as práticas venatórias, que aqui pretendo trabalhar, tinha como *parceiros de campo* mais recorrentes Davi e Celso. Antes de adentrarmos nas experiências promovidas pela caçada da perdiz em sua prática, acho interessante falar, mesmo que brevemente, dos preparativos para esta.

As incursões aos campos uruguaios já são feitas por esse grupo há longa data. Celso, Marco e Antônio, as fazem há mais de 20 anos. Estes, começaram a caçar desde pequenos com seus pais, ainda em território brasileiro, quando era permitida a caça esportiva a perdiz. Pelo que pude constatar, os três caçadores citados acima são companheiros nessa prática há um bom tempo, tendo relatos dos mais diversos tempos de caçadas em seu repertório de histórias. Davi foi o último a ser incorporado ao grupo, iniciado tardiamente nessa prática. Este, vem a caçar perdizes há seis anos, mas nem por isso é ele menos apaixonado pela prática que os outros. Para ser franco, Davi era o mais ativo entre os caçadores.

As idas ao Uruguai feitas durante a temporada de caça eram breves mas constantes. Pude as acompanhar, com frequência, durante o mês de julho tanto em 2015 como em 2016. Íamos, geralmente, de duas a três vezes por mês, saindo de Caxias do Sul na madrugada de quintas-feiras em direção a parada obrigatória, a casa de *Don Nilo*, amigo de longa data deles, localizada na região de Corticeiras - Uruguai, próximo à divisa entre Santana do Livramento (BR) e Rivera (UR); voltávamos nas segundas-feiras, mais tardar terças-feiras ao Brasil. A Casa de *Don Nilo* era sempre o destino de nossa primeira noite, após uma viagem longa e cansativa que levava em torno de oito horas, parávamos lá para pernoitar e botar o papo em dia. Mas, antes de irmos para Corticeiras, parávamos na cidade de Rivera para fazermos algumas compras, tanto de condimentos para as futuras comilanças, como para a compra de algumas bebidas, como vinho e afins. Comprávamos tudo que seria utilizado e consumido durante o período da caçada. Nos dividíamos em duas camionetes, que estavam sempre cheias de utensílios, desde as espingardas, camas dobráveis, sacos de dormir, pratos, talheres e as *cachorras* Asta, Brina e Chispa, cadelas da raça *pointer inglês* que eram utilizadas no rastreamento das perdizes. As cachorras, como vim a descobrir no decorrer de minha pesquisa,

² Como acordado com meus "nativos", utilizo-me de codinomes para refirme a eles, estes irão ser utilizados durante todo o trabalho para designar essas pessoas.

dividiam com os caçadores o protagonismo na prática venatória, bem como as perdizes, ponto culminante das caçadas.

Os cachorros da raça *pointer inglês* são, segundo os meus interlocutores, a raça “fórmula-1” da caça menor, que se caracteriza pelo tamanho das presas que se buscam, e não pela forma do ato venatório. Uma distinção que meus nativos faziam e com a qual me deparei logo no início de meu trabalho foi a diferença entre o *pointer inglês* e outros cachorros. Segundo eles o primeiro seria o “fórmula-1” em razão de sua velocidade, e seu faro. O *pointer inglês* é um *ventor*, ou seja, *caça de cabeça erguida*, captando os faros que o vento lhe trás; enquanto outros cachorros seriam *cheira chão*, que achariam as presas buscando o faro que estas deixam ao passar pelos caminhos que fazem no ambiente. A diferença principal seria: enquanto o cachorro *pointer inglês* capta o faro pelo vento, e se direciona direto para onde a presa se encontra, o cachorro *cheira chão* segue todo o caminho que a presa percorreu até achá-la. Porém, se esses se diferenciam nesse aspecto, ambos são *perdigueiros*, ou seja, cães que acham e caçam perdizes. Além dessa diferença aqui citada, as próprias *cachorras pointers* apresentavam particularidades no que concerne à técnica que essas exerciam durante o ato venatório, questões que pretendo desenvolver no decorrer do trabalho.

Dando seguimento, como dito, a primeira noite em solo uruguaio, passávamos na casa de *Don Nilo*, na região de Corticeira. *Don Nilo*, nascido no Brasil, mas, residente no Uruguai há décadas, vinha a ser plantador de fumo, “*doble chapa*”³. Nilo levava junto com Cezarina, (também nascida no Brasil), sua esposa, sua filha Sílvia (nascida no Uruguai) e Flávio (uruguaio), seu genro, uma vida tranquila, pelo que pude notar, morando em sua propriedade, na localidade de Corticeira, às margens da Ruta 5, mais ou menos 12km de Rivera. O momento da vinda de seus amigos de Caxias do Sul para as caçadas era um evento em seu cotidiano bucólico. Chegamos todas as vezes para a janta, essa era sempre farta e regada por um bom vinho, bem como preparada pelos caçadores com o auxílio da Cezarina. Lembranças de antigos companheiros e histórias de caçadas era o assunto por excelência dessas ceias.

³ “*Doble Chapa*” era como o próprio *Don Nilo* se referia a sua condição, ou seja, possui dupla nacionalidade, era brasileiro e uruguaio

Pela minha terceira ida a campo, em um desses jantares, interpelei ao caçador Marco e a *Don Nilo* sobre o porquê deles não caçarem mais nos campos onde estávamos. E Marco esclareceu-me da seguinte forma:

Aqui não tem mais perdiz, como tu viu, tem pinus por todos os lados, antes de plantarem, passam mata-mato⁴ em todo lugar. Isso mata tudo que é inseto, formiga e tudo mais. Ora essas, a bichinha [perdiz] acaba comendo isso [insetos mortos pelo mata-mato] e acaba morrendo. Tirando que onde tem pinus, não cresce mais nada. Acabaram com os campos daqui e tinha perdiz por aqui né Nilo?⁵*

Essa questão, a qual decido apenas pontuar neste trabalho, mas que poderia render uma boa reflexão, era um assunto recorrente nas conversas dos caçadores. Quando estávamos a caminho de alguma Estância, já em território uruguaio, passávamos por diversas áreas de plantações de *pinus* (*Pinus elliottii*), outrora campos de pastagem, onde, referiam os caçadores, encontravam-se perdizes em abundância. Lembranças de caçadas em tempos passados emergiam à tona no discurso de meus interlocutores. Essas eram sempre empolgantes, ricas em detalhes, porém, sempre terminavam com o pesar de aquele campo de antigamente não existia mais, imputando a culpa de tal tristeza aos plantadores de pinus e aos pesticidas que esses utilizam. Partindo disso, pude compreender o que motivava os caçadores a adentrar o território uruguaio, estes, buscavam bons campos, onde pudessem encontrar o que desejavam - as perdizes. Partindo dessa breve introdução, vamos à prática venatória que pude acompanhar em meu trabalho de campo. Vamos a ela.

2.1 A PRÁTICA VENATÓRIA

Pude acompanhar o grupo de caçadores em sua prática em dois lugares diferentes com maior consistência. Na Estância de Victor Ferraz⁶, localizada na região de Corticeiras, e uma outra mais para dentro do território uruguaio, na região

⁴ "Mata-mato", é como tanto o grupo de caçadores que acompanhava, como *Don Nilo* se referiam aos pesticidas usados nas plantações de pinos. Não obtive, infelizmente, o nome de nenhum dos produtos utilizados.

⁵ *Comunicação pessoal estabelecida com o interlocutor Marcos, via diálogo informal datado em 24/06/15.

⁶ Victor é amigo de longa data de Marco e Celso, esses o conheceram ainda criança quando vinham caçar na terra do pai deste, Don Ferraz. Estas hoje em dia tornaram-se plantações de pinos, Don Ferraz ainda reside em uma pequena residência onde eram seus campos antigamente, esta também se localiza na região de Corticeiras.

de Masolle. Está última pertencia a três irmãos, os Bancquet, que cediam seus campos, bem como sua casa para os caçadores uma que outra vez durante a temporada de caça. Meus interlocutores possuíam uma grande amizade com *Don Renato*, um dos irmãos donos do local, e por intermédio desse é que conseguiam acesso ao campo. Ambas Estâncias eram lugares de criação de gado, sendo que a primeira, não deveria nem dar 1/4 do território da segunda.

Os dias nas caçadas começavam cedo, o vento minuano (vento sul) soprava intermitente no lado de fora da casa, e a coragem para sair da cama em muito tinha que ser trabalhada. Por volta das 7 horas, a roda de chimarrão já estava formada, e os assuntos eram os mais diversos possíveis. Eu, como proto-antropólogo, ou melhor, como o estagiário dos caçadores, fui imputado com alguns afazeres. O cuidado com as cachorras ficaram sob minha responsabilidade, soltá-las pela manhã da caixa de madeira onde dormiam, em razão do frio da noite, quebrar a água congelada do pote das cachorras eram minhas primeiras tarefas, bem como alimentá-las nos momentos devidos, duas vezes ao dia, no início da tarde e à noite, e, por último, recolhê-las para a caixa de madeira ou canil, quando esse existia, ao final do dia. Em momentos de descanso dos caçadores, embrenhava-me a brincar com as cachorras que, em muitas vezes, não me davam mais do que cinco minutinhos de atenção e iam descansar, em razão da fadiga da caçada feita pela manhã ou tarde.

Logo após esse primeiro momento do chimarrão, tomávamos café da manhã, e os preparativos para a caçada se iniciavam. Geralmente, fazíamos duas idas ao campo, por dia, para caçar, durante a manhã e à tarde, sendo isso variável, em razão das questões climáticas e da disposição dos caçadores. Os preparativos eram temperados por uma certa euforia, vestiam-se roupas camufladas, botas, cartucheiras, bonés. As espingardas de calibre 20 eram limpas e os cartuchos separados. Como disse acima, os caçadores mais ativos e que pude acompanhar foram Davi e Celso, e é acerca da experiência que tive com esses dois caçadores, bem como com as cachorras Asta, Brina e Chispa que virei a falar.

Cada caçador escolhia uma cachorra para o acompanhar, sendo que a *cachorra* Asta era a mais experiente, segundo meus interlocutores, logo assim a mais requisitada. Tanto Brina, como Chispa, eram filhas de Asta, mas de ninhadas diferentes. Asta tem 8 anos de idade, Brina, 6 anos, e Chispa, 4 anos. As duas primeiras são brancas com o malhado preto, enquanto Chispa era branca com o

malhado laranja. Os caçadores revezavam as cachorras nas idas ao campo, sendo a Asta, a mais bem quista entre eles, pelo seu estilo de caçada, que virei a comentar.

Com os preparativos prontos, cachorras escolhidas e postas na caçamba da camionete, espingardas limpas, cartuchos nos bolsos, roupas camufladas no corpo, subíamos na camionete e íamos de encontro ao campo, e, conseqüentemente à perdiz. Aqui pude notar uma das primeiras particularidades desse ato venatório. Os campos que meus interlocutores buscavam não eram qualquer um, pois não basta ser um campo para haver perdiz. Quando interpelei o que seria um bom campo a eles, Davi foi taxativo:

Campo de perdiz é campo com pasto alto, sabe? Tem que ser meio sujo também [vegetação que não seja pasto], mas alto. Olha lá, tá vendo o pasto amarelinho? Lá é bom, tá sujo, e a perdiz gosta de se esconder nesse pasto amarelinho por causa da penugem dela.⁷*

Pois bem, o contrário de um campo *sujo, amarelinho*, seria um campo *careca*, ou seja, um campo com pasto pequeno, sem nenhum outro tipo de vegetação. Partindo desses apontamentos podemos pensar que:

(sic) [no campo] como um todo é preciso pensar nos termos de uma "*phenomenological topoanalysis*" (Casey 1996:25), em que cada lugar se caracteriza por uma "intencionalidade operativa", evocando e articulando as propriedades dos agentes humanos e não-humanos. (SAUTCHUK, 2007, p.81)

Como Sautchuk (2007) aponta, a partir de seu trabalho de campo no estuário da Vila Sucuriju, no Amapá, os lugares emergem das "intencionalidades operativas" dos agentes humanos e não-humanos, sendo o lugar (no caso do presente trabalho, o campo) um emaranhado de relações circunstanciais que não estão dadas *a priori*, mas que emergem da prática de determinada técnica. Vemos, assim, que Davi, bem como os outros caçadores, não escolhem arbitrariamente os campos onde exerceram o ato venatório, esses são escolhidos a partir de um conhecimento específico do ambiente, mais precisamente, de como se dão as estratégias da perdiz para se mimetizar com a vegetação do campo e se proteger, já que os caçadores de Caxias do Sul não são os únicos predadores⁸ dessa ave. Partindo desse conhecimento especificamente constituído nessa técnica venatória, a

⁷ *Comunicação pessoal estabelecida com o interlocutor Davi, via diálogo informal datado em 17/07/2015.

⁸ Outros predadores da perdiz que me foram informados são as raposas e os gaviões, não obtive as especificações desses.

"intencionalidade operativa" da perdiz é o que norteia a escolha do campo onde se virá a caçar.

Ao chegarmos no campo desejado, todos desembarcavam, descíamos as cachorras da camionete, pegávamos as espingardas e saíamos à caça. Cada caçador acompanhado de uma cachorra, direcionava-se para uma parte do campo escolhido. A distância mantida entre um e outro caçador no campo era grande, pois não caçavam juntos, mas, sim, em duplas, com as cachorras, e, eventualmente, com alguém intrometido, ou seja, eu. Para dar continuidade na descrição da prática que aqui apresento, trarei duas passagens distintas de meu diário de campo. Uma, acerca de uma ida a campo com o caçador Celso e a cachorra Asta, e a outra, relativa ao caçador Davi e a cachorra Chispa. Vamos à primeira.

Masolle - Celso e Asta - 26/07/2015.

"Hoje, acompanhei Celso e Asta, como sempre, o dia começou cedo e frio. Por volta das 9h, com tudo arrumado, nos botamos a caminho de um campo que ficava a uns 15 minutos de camionete da casa na qual estávamos hospedados. Ao chegar no campo, Davi e Chispa tomaram seu caminho, eu passei a acompanhar Celso e Asta. Pulamos uma cerca e botamos a guia na Asta, segundo Celso, o vento não estava favorável à caça, pois estava a nosso favor, e para se fazer uma boa caçada, o vento deve estar soprando na direção contrária na qual nos dirigíamos. Deve-se prestar atenção, em razão de ser o vento quem trás o faro da perdiz para as cachorras. Sendo assim caminhamos em torno de uns 10 minutos no campo com a Asta na guia. Chegado um dado momento, Celso decidiu que já era hora de soltar a Asta e, assim, começamos a caçada, com vento soprando contra nós e nos locomovendo em direção da onde tínhamos estacionado a camionete. Ao soltar a cachorra Asta, esta logo começou a correr e fazer o lacet, [este movimento consiste em ir da esquerda para a direita, vice e versa, de forma paralela, sempre em progressão frontal em busca de um faro respectivo à perdiz,], e nós caminhávamos atrás dela, mantendo uma distância não muito grande, algo em torno de uns cinco metros, todas as vezes que a Asta se distanciava de nós, gritos para chamar a atenção dela eram proferidos por Celso para ela se reaproximar. Ficamos a seguir Asta durante alguns minutos até ela amarrar a primeira perdiz. [Amarrar consiste no ato de sinalizar que algum faro foi detectado, durante o lacet.]. Asta ficou parada, com a cabeça projetada para frente e a calda reta e parada, nesse momento, Celso apertou o passo e se aproximou dela e Asta começou a fazer o movimento do lacet,

novamente, mas dessa vez de forma muito curta, e dando breves amarradas, Celso a acompanhava de perto e, após, uma dessas amarradas, quando já estávamos bem próximos da perdiz, esta, foi levantada por Asta. [Levantar a perdiz consistem em fazer a ave alçar voo, para assim o caçador executar o tiro]. Asta levantou a perdiz e Celso executou o tiro, a perdiz levantou voo para nossa direita e foi abatida. Ao levantar a perdiz, Asta já se locomoveu na direção em que a ave voou e foi buscar a perdiz para a entregar ao caçador. Asta voltou até nós e entregou a perdiz a Celso, o qual lhe fez um breve afago, limpou sua boca, que estava cheia de penas. Celso ficou feliz da vida com a perdiz que tinha pego, recarregou a espingarda, guardou os cartuchos usados. Asta já iniciava o movimento do lacet, novamente, fomos atrás dela."

Vídeo: <https://vimeo.com/181219706>⁹

Figura 2.1 - Sequência de frames - Celso e Asta.



Fonte: Elaborada pelo autor.

Como me tinham confessado os caçadores Celso, Davi, Marco e Antônio, a cachorra Asta era a cachorra que melhor caçava e a preferida de todos eles para as saídas a campo. Mas, o que vinha a dar esse status à Asta, e não para as outras cachorras? Vamos a segunda descrição, agora, com o caçador Davi e a cachorra Chispa para tentarmos elucidar essa diferença.

"Corticeira - Davi e Chispa - 17/07/15.

Fui ao campo com Davi e Chispa, pelas 16h, perto da casa do Vitor. Chispa não tinha ido caçar, pela manhã, e essa ida a campo tinha sido um fracasso, juntos os caçadores Davi e Celso tinham abatido apenas três perdizes, situação que, como

⁹ Último acesso: 16/11/2016.

me disseram, acontece. Chispa é a cachorra mais nova, e Davi diz que gosta de sair com ela, ensina-la. Saímos para o campo e Chispa, na primeira meia hora de caçada, estava "afoita", corria muito, fazia o lacet de forma muito ampla, sendo que Davi diferentemente de Celso não gritava com tanta frequência para chamar a cachorra, deixava ela, vamos dizer, assim, com mais liberdade para fazer o lacet. Após essa primeira meia hora, Chispa acalmou-se como me disse Davi, e começou a caçar mais perto de nós. Porém, dentro desse primeiro momento, Chispa não amarrou nenhuma perdiz e a única perdiz que vimos, levantamos ela na bota, ou seja, enquanto caminhávamos, sem que Chispa tenha detectado a ave, nós a levantamos, e Davi tentou atirar nela, mas não acertou, apenas um cartucho gasto. [...] Continuávamos a caminhar no campo, a condição do vento estava favorável à caçada, ou seja, soprava contra a direção a qual nos locomovíamos. Mas, não achávamos as perdizes, até que Chispa amarrou alguma coisa. Davi foi em sua direção, Chispa começou a se mover, e dar breves amarradas, isso deve ter durado em torno de dois minutos, ou mais, não sei, mas andávamos para frente, com total atenção em Chispa, a qual se encontrava a uns três metros de distância do caçador Davi, estava amarrando. Davi moveu-se um pouco na direção de Chispa, ao fazer isso, ela, moveu-se também levantando a perdiz. Davi atirou e acertou. Chispa trouxe na boca a perdiz para o caçador Davi. [...] Esse não foi um bom dia de caça, voltamos para casa com três perdizes. Enquanto voltávamos em direção à casa de Victor, Chispa estourou [isto acontece quando a cachorra não pega o faro da perdiz e não a detecta, fazendo, assim, a perdiz voar, sem aviso prévio ao caçador] algumas perdizes, acho que duas ou três, não tenho certeza. Como diz o ditado, um dia da caça, outro do caçador."

Vídeo: <https://vimeo.com/181485177>¹⁰

¹⁰ Último acesso: 16/11/2016.

Figura 2.2 - Sequencia de frames - Davi e Chispa.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Antes de abordar as questões acerca das cachorras, bem como dos caçadores no ato venatório, gostaria de marcar alguns pontos que permearam meu trabalho de campo, e a reflexão que aqui está sendo feita. Sautchuk (2007) no intento de compreender as relações entre humanos e não-humanos na pesca do pirarucu com arpão, no lago Sucuriju, aponta para uma perspectiva da ecologia da interação e da prática, contrapondo-se a uma redução das relações a apenas trocas energéticas, não destituindo a importância destas, mas dando ênfase a essa outra esfera. Como o autor aponta:

No lugar de uma ecologia das trocas energéticas, que buscaria criar uma homologia entre bases físicas da pirâmide alimentar e a ordenação simbólica de mundo, creio que se trata antes de uma ecologia da comunicação e da ação, onde o fator propriamente ecológico está dado no comportamento dos seres (humanos e não-humanos) uns faces aos outros. (SAUTCHUK, 2007, p.85)

Com isso gostaria de dizer que as questões tróficas e a esfera simbólica, no que tange o paralelo traçado pelo autor citado, no respectivo trabalho, não são abordadas. Trato aqui de uma caça esportiva, mesmo sendo as perdizes um alimento em alta estima para os caçadores, a alimentação por base dessas ave não é o ponto culminante da prática, mas como bem sugere o adverbio '*esportiva*', as *lidas* imbricadas nessa prática, essas, são as forças motrizes para seu acontecimento.

Seguindo a trilha dos escritos de Sautchuk (2007), vemos que essa abordagem sustenta-se a partir de dois caminhos teóricos. O primeiro seria o da ecosemiótica; o segundo, as perspectivas instigadas pela psicologia ecológica gibsoniana. Essas ideias, ainda seguindo os escritos do respectivo autor, são

influenciadas pela concepção de *Umwelt* do biólogo Jakob von Uexküll (1982). Esse termo *Umwelt* propõe "considerar que existem múltiplos ambientes, cada um composto por um conjunto de significados e possibilidades de ação conforme a perspectiva do animal (humanos incluídos)." (Sautchuk, 2007, p.86). O que gostaria de salientar com isso é que "o sentido de cada ser é dado em suas formas de ação; suas capacidades são mobilizadas em situações específicas e de acordo com as reações de outros seres."(Sautchuk, 2007, p.86).

Essas ações que nunca perdem de vista seu caráter relacional com os outros entes que a circundam, e corroboram para seu estar no mundo, é algo que permeia o ato venatório como um todo, para pensar-las emprego novamente ideias retiradas de Sautchuk (2007), a respeito da técnica empregada pelos laguistas na caça com arpão ao pirarucu, onde:

(sic) o termo "campo operatório" dando a entender a projeção no ambiente das capacidades de percepção e ação que gravitam em torno do laguista e dos demais seres. Utilizo essa expressão inspirado em Leroi-Gourham (1991), que trata o "comportamento operatório" como uma forma de definir os seres (inclusive humanos) a partir de suas possibilidades de relação ativa com o ambiente. Transponho este argumento geral para o nível propriamente etnológico incorporando a preeminência que Leroi-Gourham confere a ação (ao "gesto" e ao "ritmo") considerando a técnica como fenômeno que institui o ser (humano ou animal), inclusive em sua dimensão biológica (orgânica). (SAUTCHUK, 2007, p.88)

Acredito que com essas pontuações aqui tecidas, a reflexão que se segue poderá ser compreendida com maior clareza. A dimensão da prática da técnica estudada, seja na esfera dos humanos como dos não-humanos, é o que veio a ganhar saliência em minha observação e pensamento. E é a partir disso que pretendo dar sequência ao trabalho que aqui decorre. Com isso, voltemos às caçadas.

Cada saída a campo que participava eram cheias de particularidades, mas alguns fatores eram constantes, e será por meio desses pontos que articularei as minhas observações. Como explicitado acima pelas passagens de meu diário de campo, após a escolha do campo, o qual era elencado a partir de características específicas, marcadas anteriormente, outro fator era sempre observado pelos caçadores: o vento. Essa condição era de crucial importância, pois era a partir do vento que as cachorras Asta e Chispa podiam detectar as perdizes e conseqüentemente comunicar a presença delas aos caçadores.

A condição ideal para a técnica de rastreamento executada pelas cachorras era o vento estar soprando contra a direção a qual os caçadores se moviam, os quais sempre procuravam largar as cachorras nessa circunstância. As cachorras deviam caçar com o *rastro no focinho*, ou seja, com o vento soprando contra a direção na qual executavam o *lacet*. Obedecendo essa asserção, as cachorras *estouravam* poucas perdizes, pois conseguiam detectar as aves e comunicar os achados aos caçadores, sem serem percebidas por essas, possibilitando uma boa condição ao tiro dos caçadores,

Para haver uma boa condição para o tiro dos caçadores, é necessário uma boa comunicação destes com as cachorras, e vice e versa, bem como destas com o campo, mais especificamente com as particularidades que a perdiz exerce nesse ambiente. Essas particularidades podem ser pensadas como signos que são buscados pelas cachorras para comunicar a presença da ave desejada aos caçadores. Sautchuk (2007) discute os sinais do pirarucu no que tange a arpoaria e o engajamento do proeiro, partindo das ideias de Peirce, onde:

(sic) os signos podem apresentar três tipos de relação ao objeto: o *símbolo* é ligado ao objeto por uma convenção (como a letra "a" e seu som); já o *ícone* guarda relação de semelhança com o objeto por suas próprias características (como um diagrama); e o *índice* "está fisicamente conectado com seu objeto" (Peirce, 1999: 73), sendo afetado e modificado por ele. (SAUTCHUK, 2007, p. 111)

O que gostaria de frisar com essa passagem, é que o signo que é buscado pelas cachorras na técnica venatória pensada, seria o odor da perdiz que o vento *traz* para elas. Esse odor que o corpo da perdiz exala seria um *índice*, o signo da sua presença, que vem a ser buscado pelas cachorras na prática do *lacet*.

O *lacet*, no que pude acompanhar, é o gesto capital da prática no que concerne às ações das cachorras nas caçadas. Ao encontrarem-se os caçadores e as cachorras, nas condições profícuas para o ato venatório, é a partir desse gesto que as perdizes são detectadas e comunicadas aos caçadores. Como já dito brevemente, o *lacet* consiste na movimentação progressiva, da direita para a esquerda em um ritmo muito acelerado das cachoras. Essas são ventoras, ou seja caçam, detectam odores pelo vento, em movimento, que chega ao seu focinho. A comunicação da relação perdiz-cachorra-caçador se dá de forma cinésica, ou seja, leva em consideração os significados expressivos por meio dos gestos e movimentos corporais dos entes envolvidos na relação.

Para Bateson (1972, p. 574), "In all mammals, the organs of sense become also organs for the transmission of message about relationship.". Pensando as questões que se apresentam neste trabalho, podemos pensar que as faculdades olfativas das cachorras Asta, Chispa e Brina desempenham um canal de comunicação com as perdizes, mas que não é por meio dessa aptidão que elas comunicam a presença das presas aos caçadores. Essa comunicação, como já introduzida acima, seriam da esfera cinésica, e seu conteúdo comunicativo estaria na:

(sic) the magnitude of gesture, the loudness of the voice, the length of the pause, the tension of the muscle, and so forth - these magnitudes commonly correspond (directly or inversely) to magnitudes in the relationship that is the subject of discourse. (BATESON, 1972, p.576)

Vale lembrar que nessa passagem Bateson está discutindo não só a linguagem cinésica, mas também questões referentes à paralinguística. Ater-me-ei apenas às questões cinésicas que dizem respeito à comunicação estabelecida entre as cachorras e os caçadores. Voltemos ao *lacet*. Como já dito, é por meio desse gesto que as cachorras Asta, Chispa e Brina vinham a rastrear as aves (perdizes). Ao detectarem um faro, o índice da perdiz, essas *amarravam*, ou seja, paravam bruscamente o movimento do *lacet*, e ficavam com os músculos de todo corpo tencionados apontando para a direção onde se encontrava o *índice* da perdiz. A *amarrada* é o signo que estabelece a relação de *índice* com o objeto, ou seja, o corpo da cachorra, é o signo que elas apresentavam para os caçadores. Essa ação é o que vinha estabelecer a comunicação da presença da perdiz nas proximidades. Essa linguagem cinésica que tem como meio comunicativo o corpo das cachorras, seria o dialeto *perdigueiro* de comunicação estabelecido entre cachorra e caçador para a caçada acontecer.

Num primeiro momento, pensei que a comunicação estabelecida entre a cachorra e o caçador para sinalizar a perdiz estaria relegada apenas ao gesto em si de *amarrar*, ou seja, o tencionar dos músculos das delas. Porém, ao pensar melhor a questão, a partir de minha observação e prática em campo, bem como a partir dos vídeos que vim a produzir, pude concluir que o caráter comunicativo da *amarrada* seria uma quebra de ritmo no *lacet*, e que seria por essa quebra rítmica, e logo pela combinação desses dois gestos, que emergiria o signo comunicativo que informaria ao caçador a existência da perdiz. Essa quebra rítmica feita no *lacet* pela *amarrada*,

não deixa de ser uma esfera da linguagem cinésica. Partindo desse pensamento, pude compreender melhor uma questão que acontecia, com recorrência, nas caçadas, e que é apresentada em ambas passagens do meu diário de campo, utilizada acima.

Após a primeira quebra de ritmo no *lacet*, por meio da *amarrada*, onde tanto Celso, como Davi se aproximavam das cachorras, estas continuavam a fazer *lacets* muito curtos, intercalados por breves *amarradas*. Essas sucessivas quebras de ritmo sempre aconteciam em decorrência da aproximação das cachorras, e logo, assim, dos caçadores, da perdiz. Diziam-me que essas sucessivas *amarradas* das cachorras aconteciam em razão de a perdiz *caminhar* muito. A partir disso, pude compreender que, em muitos casos, para não dizer em todos, as cachorras amarravam a perdiz pela primeira vez, quando o caçador se aproximava dela, começavam a fazer os curtos *lacets* e breves *amarradas* aproximando-se da perdiz. Essa obviamente, em movimento, já não estava no mesmo lugar no qual o *índice* de sua presença foi sentido pelas cachorras na primeira *amarrada*, mas as essas, continuavam com o *faro no focinho*, espreitavam e progrediam em direção à perdiz por meio dessas quebras rítmicas *lacet-amarrada-lacet-amarrada*, até serem percebidas pelas perdizes, e essas alçarem voo. No vídeo abaixo, podemos pensar a quebra rítmica que aqui venho apresentar. Tentei, por meio de um enquadre diferente, a câmera acoplada na cachorra, captar o que aqui venho argumentar.

Vídeo: <https://vimeo.com/181510568>¹¹

Figura 2.3 - Sequencia de frames - Antônio e Brina.



Fonte: Elaborada pelo autor.

¹¹ ¹¹ Último acesso: 16/11/2016.

Com isso o que gostaria de salientar é que na caçada a perdiz o caráter comunicativo da linguagem cinestésica no que concerne cachorra-caçador está dado nos ritmos, que emerge da relação dos dois gestos ditos acima, o *lacet* e a *amarrada*, que culminam no *levantar* a perdiz, hora onde o caçador efetua o tiro. Porém, para haver essa comunicação que discuto acima, Asta, Chispa e Brina precisavam se engajar de forma auspiciosa com o ambiente no qual estavam. Retomando à pergunta feita acima sobre a diferenciação das cachorras, o que concedia o status de melhor caçadora a Asta, e de aprendiz a Chispa, seria que:

Em um desempenho fluente há uma qualidade rítmica (LEROI-GOURHAN, 1993: 309-310). Esta qualidade, no entanto, não se encontra no caráter repetitivo do próprio movimento. Para que haja ritmo, o movimento deve ser sentido. E o sentimento reside no acoplamento de movimento e percepção que, como vimos, é a chave para a prática qualificada. Como Leroi-Gourhan claramente reconheceu, a atividade técnica é conduzida não contra um fundo estático, mas em um mundo cujos constituintes múltiplos sujeitam-se aos seus próprios ciclos particulares. (INGOLD, 2015, p.107)

Levando em consideração as palavras acima, o que diferenciaria as cachorras como melhores ou piores seria esse sentir, esse acoplamento do movimento e da percepção, engajados num ambiente, onde nada é estático, e os:

(sic) os gestos rítmicos do profissional estão em sintonia com os vários ritmos do ambiente. Assim, qualquer tarefa, ela própria, um movimento, se desdobra dentro da "rede de movimentos" na qual a existência de cada ser vivo, animal ou humano, é suspensa (p . 282) . Uma operação como serrar uma prancha, por exemplo, compreende não um movimento, mas um conjunto de movimentos concorrentes, dentro e fora do corpo. O carpinteiro que tem uma ideia do que está fazendo é aquele que pode mais ou menos harmonizar esses vários movimentos uns com os outros, de modo a que ressoem ou estejam em "sintonia". (INGOLD, 2015, p.107)

Logo, assim, podemos compreender flexionando as ideias acima para o contexto das cachorras, que Asta vinha a sentir a "rede de movimentos" melhor no qual o ato venatório era desenvolvido, e em razão dessa melhor sintonia com os ritmos do ambiente, conseguia sentir mais faros de perdizes que as outras, além de executar o *lacet* muito próxima dos caçador e de forma muito regular. Já Chispa, como dito, era *afobada* e costumava fazer o *lacet* de forma muito distante do caçador e de maneira muito ampla e irregular. Em razão disso, Chispa vinha a *estourar* muitas perdizes, mesmo estando em boas condições para a prática. Dessa forma, o que gostaria de salientar em relação às cachorras é que o status de boa caçadora está ligado ao ritmo, tanto na esfera comunicativa, como sensorial, e que

este "não é um movimento, mas um acoplamento dinâmico de movimentos." (Ingold, 2015, p.107); onde o caráter ecológico dos próprios movimentos, tanto dentro como fora do corpo, devem ser harmonizados. Essa articulação harmônica dos movimentos é o que concedia a Asta o seu destaque.

Dando seguimento ao trabalho, chegamos ao momento do *levantar* a perdiz, ou seja, fazer ela alçar voo; e o instante do tiro, momento de destaque do caçador. *Levantar* a perdiz, como me foi explicado, e pude observar, consiste em, a partir dos movimentos de *lacet-amarrada*, Asta, Chispa e Brina serem percebidas pelas perdizes e, conseqüentemente, essas levantarem voo, e possibilitarem o tiro do caçador. É interessante lembrar que o contrário de *levantar* a perdiz seria *estourar* ela, o que consiste em a cachorra ser percebida de forma não intencional pela perdiz.

Ao *levantar* a ave, as cachorras *pointers*, já se botavam no encalço da perdiz, esperando a sua possível queda. Perdiz *levantada*, é a hora dos caçadores de efetuarem o tiro. Esse é o momento de maior tensão para os caçadores. Partindo da comunicação estabelecida entre *perdiz-pointers*, e do que é transmitido pelas cachorras ao caçador, este se prepara para o tiro sabe onde projetar a possível aparição da perdiz em uma certa região, frente ao signo comunicado pelas cachorras. Aqui, gostaria de frisar algumas observações acerca do tiro que me foram feitas. Primeiramente, os caçadores que acompanhei usavam espingardas do mesmo calibre, que era o 20. Davi utilizava uma espingarda *paralela*, Celso uma *under and over*, a diferença era a disposição dos canos. A primeira tinha os canos dispostos de forma paralela e horizontal, a segunda de forma vertical. Diziam-me que as diferentes armas traziam suas particularidades e que o gosto por um tipo ou por outro, tinha que ser descoberto na prática. As espingardas possuem dois gatilhos, um para cada cano. O primeiro gatilho era usado para um tiro mais próximo, sendo o tiro mais aberto, isto é, a área dos *chumbinhos* que esse tiro projetava era maior, mas mais espalhado. O segundo gatilho era usado para tiros que deveriam buscar algo mais longe, a área projetada por esse tiro era menor e mais densa de *chumbinhos*. Isso acontecia em razão da abertura dos canos nas armas. Os cartuchos utilizados em cada caçada podiam variar, utilizava-se cartuchos de chumbo 7 e 8. Os chumbos aumentavam seu tamanho e massa, quanto maior a sua graduação, sendo esses escolhidos, conforme a disposição do vento no ato

venatório. Dias com vento forte pediam chumbinhos mais pesados de tipo 8, o contrário valeria para os de tipo 7.

No que pude acompanhar e compreender da técnica do tiro, alguns pontos sempre me eram frisados. Davi, com quem pude apreender mais sobre essa técnica, sempre me dizia para destravar a arma só na hora de atirar, ter uma base firme nesse momento, com um pé a frente e outro atrás, os joelhos flexionados. Na hora do disparo era importantíssimo não respirar, em razão do movimento do corpo, que traria um desajuste na mira fadando ao erro o tiro, como destacava Davi. O movimento de *empunhadura* era chave. Ele consistia no ato de posicionar a arma para o tiro. A coronha, parte traseira da arma devia ser apoiada contra o ombro, e a alça de mira, bem como a massa de mira, deviam estar alinhadas ao se fazer esse gesto, sem esquecer da base firme em que a pessoa deve se encontrar. Abaixo, imagem de uma espingarda ilustrativa para mostrar as referentes partes dela, as quais comento acima.

Figura 2.4 - Partes de uma espingarda.



Fonte: [Brasilgun.blogspot](http://brasilgun.blogspot.com).¹²

Esse conjunto de gesto devia estar em consonância com o ambiente, pois o tiro, na caça de perdiz, é sempre um tiro em movimento em suas mais diferentes esferas. Tanto levando em conta a perdiz que se põe em movimento, bem como em razão do vento que pode influenciar na direção dos *chumbinhos*. O caçador, para executar o tiro, deve responder aos movimentos no ambiente muito rápido e é a partir desse poder de resposta aos movimentos apresentados a ele pelo ambiente,

¹² Link: http://1.bp.blogspot.com/tBhoLp20pp0/S2b5AGFIgzI/AAAAAAAAADA/t921_gAU1RE/s1600-h/CARABINA+DE+REPETI%C3%87%C3%83O.JPG (Último acesso 15/12/2016)

Vi a auterar a imagem conforme os apontamentos dos meus nativos, para assim tornar-lá condizente as presentes espingarda e técnica utilizada no trabalho aqui desenvolvido.

no seu engajamento perceptual, que o tiro poderá ter sucesso ou não. Com isso podemos marcar que:

(sic) a habilidade (skill, Ingold 2000) envolvida na arpoada não emana unicamente do corpo anatômico do proeiro, mas desse corpo estendido, dado nas propriedades perceptivas e motoras do conjunto da montaria e que converge para os atos do proeiro. Como afirma Gibson “*this capacity to attach something to the body suggest that the boundary between the animal and the environment is not fixed at the surface of the skin but can shift*”(Gibson 1979:41) Tomando o gesto paradigmático dessa formação – a arpoada- veremos que ele não pode ser tido simplesmente como fruto da ação isolada do proeiro, mas que o corpo do proeiro configura as forças e posições de todo esse conjunto em seu lançamento. (SAUTCHUK, 2007, p. 126)

Acredito ser algo muito semelhante o que acontece na prática de caça aqui em foco. Tanto no que diz respeito às cachorras, bem como aos caçadores, a técnica aqui exercida não se encerra em corpos anatômicos fechados, mas dependem, para seu êxito, desse corpo estendido. No caso das cachorras, podemos pensar a questão do *lacet* e da *amarrada* e logo assim do vento que trás o faro a essas, relação necessária para a emergência desses gestos, bem como para o caçador, no *atirar*, não só a relação com Asta, Chispa ou Brina está em jogo, como também uma percepção do vento influenciador direto do tiro, como a própria relação com a perdiz e sua ação no ar, já que, como foi dito, o tiro nunca deve ser dado no lugar onde a perdiz se encontra ao voar, mas sim em um ponto futuro que deveria ser imaginado dentro das particularidades de cada situação.

Gostaria de marcar brevemente a ética na caça envolvida nessa prática. Como sempre me foi dito, o tiro só deveria ser feito quando a perdiz já estivesse voando. Atirar em uma perdiz no chão, ou de alguma forma onde a capacidade dela de fugir fosse comprometida, era tratado como *execução* pelos caçadores. Logo, assim, caçar perdiz, para meus interlocutores, envolvia a possibilidade de a ave fugir. Caçar era um desafio, onde o êxito dos caçadores vinha com o abatimento da ave, porém esse abatimento só reunia sentido com a possibilidade da fuga da ave. Com a ausência dessa contingência, a perdiz não era caçada, mas, sim, executada.

Feito o tiro e com o seu êxito, as cachorras iam buscar a perdiz abatida e a traziam-na aos caçadores, esse seria o movimento de *retriever*, isto é, achar onde a perdiz veio a cair, pegá-la e levá-la ao caçador. Em alguns casos, era necessário o auxílio do caçador na busca pela perdiz e eram raros os casos, mas aconteciam.

Quando isto ocorria e, por acaso, os caçadores Davi ou Celso achavam a ave abatida antes das cachorras *pointers*, estes a chamavam e faziam elas pegarem a ave e entrega-las a eles. Feito isso, as cachorras recebiam um afago e se punham a fazer o *lacet* novamente, e o caçador procedia à tiragem dos intestinos da ave no campo mesmo e guardava a ave no *pindurico*, recarregava a arma, guardava o cartucho usado e prosseguia na caçada.

No final de cada saída a campo, enquanto nos organizávamos para voltarmos, tirávamos as botas, guardávamos as espingardas, as cachorras e as perdizes, e os momentos vividos naquela manhã ou tarde eram lembrados. Tiros eram narrados, áreas do campo, onde havia uma boa concentração de perdizes eram compartilhados, e o *trabalho* das cachorras eram comentados, muitas vezes, com minúcias, relatado *amarrada* por *amarrada*. A empolgação dos caçadores podia ser vista nos seus corpos e em suas falas. Nesses momentos algo muito relevante acontecia, Asta, Chispa e Brina deixavam de ser denominadas como cachorras, cadelas ou *pointers*, e passavam a ser designadas por *caçadoras*, principalmente, quando a caçada tinha sido satisfatória.

Num primeiro momento, essa designação para com às cachorras, me passou despercebido. Mas, ao ver a riqueza de detalhes que eram narrados pelos caçadores acerca do *trabalho* delas e compreendendo um pouco melhor a técnica a qual vinha estudar, pude compreender que tanto caçador, como *caçadora*, durante a prática, teciam uma relação simétrica entre si nos papéis que ocupavam, em relação à perdiz, pois como Sautchuk (2007) aponta:

A individuação do proeiro é dada na forma como seu comportamento passa a englobar as ações e os elementos do esquema técnico descrito acima. Convergem para o proeiro o piloto, os eventuais passageiros e os objetos (montaria, arpão) envolvidos nesse conjunto, fazendo corpo com ele, em diferentes graus de acoplamento. Pode-se dizer que o proeiro, enquanto um ser dotado de autonomia técnica, se forma pela organização de todos os elementos em suas ações – as dimensões da haste, a conduta do piloto ou da criança que vai ao centro etc. De modo que a pessoa do proeiro implica uma gênese técnico-perceptiva, que o institui pela interação com outros seres. (SAUTCHUK, 2007, p. 123)

O que gostaria de pensar a partir dos dados etnográficos aqui abordados, é que o processo de individuação, tanto dos caçadores, como das *caçadoras* emerge das múltiplas relações imbricadas na prática na qual ambos estão engajados. Tanto as espingardas, campos, perdizes, vento, caçadores e caçadoras estão agindo

nesse processo de individuação, bem como no caso da arpoaria, seria o caçador dotado de autonomia técnica, o qual de certa forma ordenaria as múltiplas relações imbricadas no processo venatório para sua ocorrência. Porém, na esfera prática da caçada, o que podíamos ver é que a autonomia do caçador era constantemente negociada na relação com as *caçadoras*. Essas eram, vamos dizer, as desbravadoras do campo, elas é que conduziam os caçadores às perdizes, mesmo esses podendo dar alguns sinais para guiarem as direções em que elas se movimentavam, para assim as levarem para campos mais *sujos*, por exemplo, o que guiava ambos era a busca pela perdiz, e, por excelência, quem sabia encontrar os signos dessas aves nos desertos de bovinos de pasto, eram Asta, Chispa e Brina. Essas eram quem ditavam as direções a se seguir no campo, pela relação com os índices das perdizes.

Dessa forma, o processo de individuação, tanto dos caçadores como das *caçadoras*, daria-se por meio da técnica que aqui está em jogo. “O sentido dos seres e das coisas não seria, portanto, sobreposto ou construído simbolicamente no mundo, mas imanente às interações concretas.” (SAUTCHUK, 2007, p.132). Seria, portanto, da comunicação que se estabelece entre perdiz-*caçadoras*-caçadores, do índice da perdiz que as *caçadoras* comunicam ao caçador por meio de seus gestos, bem como do engajamento do caçador nesse circuito comunicativo, seja como interprete dessa linguagem perdigueira, bem como executor do tiro, que a individuação de ambos, caçador e *caçadora* aconteceriam.

Assim, pensando a gênese técnico-corporal como fator determinante para a individuação do proeiro, é, em certo sentido, limitante entender que a conjugação com o arpão e a formação de um campo operatório sejam aplicações de relações humanas ao mundo não humano. A meu ver, a constituição do proeiro não reflete um processo de domínio ou de adaptação à natureza; é antes um modo pelo qual o proeiro é gerado para e com o ambiente do lago, no âmbito das interações que ali se desenrolam. Claro que não se pode reduzir sua subjetividade às interações vividas no lago no âmbito da captura, mas o objetivo aqui é sublinhar o papel da inserção numa dada atividade como um processo de construção da pessoa. Nesse sentido, a individuação, que institui a autonomia fundamental do proeiro nesse espaço, se dá pelo engajamento na socialidade estabelecida entre os seres que habitam os lagos. (SAUTCHUK, 2007, p.133)

Pensando dentro das particularidades de cada contexto etnográfico, corroboro com o pensamento acima, refletindo que não apenas a gênese técnico-perceptiva do caçador é constituída nesses momentos sazonais, sem querer reduzir

meramente as suas subjetividades às interações vividas na caçada, bem como a das *caçadoras* também o são. Parte das interações vividas por meio das técnicas venatórias empregadas, e da '*socialidade*' estabelecida entre perdiz-caçadora-caçador constituem o processo de suas individuações. Essas, são imanentes a essa tríade, e o processo gerativo na qual emergem são reatualizados a cada temporada de caça.

3. QUATRO PEGADAS PARA TRÁS: NOTAS SOBRE O TREINAMENTO DOS *POINTER INGLESES* E SUA INDIVIDUAÇÃO CAÇADORA

Nos anos de 2015 e 2016, no período dos meses de junho e julho, pude acompanhar um grupo de caça esportiva e desenvolver uma observação participante acerca das técnicas utilizadas para essa prática venatória. O ponto ao qual irei me debruçar, nas linhas que se seguem, está diretamente ligado à prática venatória e veio a se tornar algo relevante para mim a partir dessa. Comentarei aqui como os cachorros da raça *pointer inglês* desenvolvem as técnicas necessárias para o rastreamento e sinalização da perdiz. Mas antes de entrarmos nessa discussão, acho interessante dizer do porquê de meu interesse acerca disso.

Após minha ida a campo, na temporada de 2015, questões referentes ao ato de caçar começaram a tomar mais consistência. Diversos pontos chamaram-me a atenção, mas, em especial, um nutria um certo magnetismo a mais em minha pessoa; o *trabalho* das cachorras no âmbito das caçadas, sendo essas chamadas pelos próprios caçadores de *caçadoras*. Quero deixar marcado, previamente, que as cachorras tornam-se '*caçadoras*', não o são de antemão e é sobre isso que pretendo falar aqui. Essa questão só veio a ser suscitada por um acaso, vamos a ele.

Lembro-me que logo que voltei das caçadas em 2015, pelo final de julho, andava empolgado, organizava algumas notas de campo, imagens coletadas, como fotos e vídeos que revia volta e meia. Mas, tirando isso a rotina já estava de volta a meus dias. Em uma tarde nublada de inverno, ia sozinho para praia pelo mesmo caminho que faço já há alguns anos, porém algo diferente dessa vez me chamou a atenção. Neste caminho que sempre venho a fazer, duas quadras que percorro e as quais conheço bem, nunca tinha percebido, a existência de dois lindos cachorros da raça *pointer inglês*, os quais pude reconhecer pela pelagem e pelo porte, em duas casas diferentes em meu caminho! Logo empolguei-me e pensei, "no dia que avistar os donos desses cachorros para fora de casa, vou conversar com eles, devem ser caçadores! Podem-me ajudar!". E não foi diferente na primeira chance que tive, conversei com um deles. Ia andando em direção à praia, quando avistei um dos donos brincando com seu cachorro. Seu nome era Clécio, devia ter em torno de uns 40 anos, seu cachorro se chamava Thor, lindo *pointer* branco malhado de preto.

Parei, para falar com ele, papo vem e papo vai, ele me contou que comprou o cachorro filhote, do vizinho que morava à frente, que possui uma cadela da mesma raça. Perguntei a ele se caçava e a resposta surpreendeu-me: "Não, nunca! Sou contra essa crueldade." Entendi seu posicionamento, e perguntei se ele sabia que o cachorro que ele tinha era utilizado para a caçar perdiz, a resposta foi negativa. Conversamos mais um pouco, falei para ele de minha pesquisa acerca do tema da caça à perdiz, do que observei em campo, e ele ficou muito surpreso de saber que o *pointer inglês* podia fazer tudo aquilo que lhe falei, já que o seu apenas brincava e latia como ele próprio me falou. Feito isso, despedi-me e segui meu caminho, Clécio e Thor continuaram sua brincadeira. Voltando para casa, nesse dia, comecei a pensar o hiato que existia entre o cachorro Thor e as cachorras *caçadoras* que conheci em meu campo. Partindo dessa reflexão, decidi entender o que as diferenciava do cachorro de Clécio e com isso chegamos ao que pretendo relatar e argumentar no texto que aqui segue.

3.1 O TREINAMENTO

Infelizmente não pude acompanhar de forma direta o aprendizado dos cães para a prática da caça a qual venho a pesquisar. Porém, a partir de longas e boas conversas com os caçadores, pude formar um corpo de dados acerca das técnicas empregadas no processo educativo dos cães, para estes se tornarem *caçadores*.

O que tomo aqui como base que pretendo por em movimento, a partir de meus dados etnográficos, é o que Ingold (2002) aponta na seguinte passagem:

"(...) the form of artefacts are not given in advance but are rather generated in and through the practical movement of one or more skilled agents in their active, sensuous engagement with the material. That is to say, they emerge - like the forms of living being - within the relational context of the mutual involvement of people and their environment. Thus there is, in the final analysis, no absolute distinction between making and growing, since what we call 'making things' is, in reality, not a process of transcription at all but a process of growth."(INGOLD, 2002, p.88)

O que gostaria de salientar com isso é que, sejam artefatos, humanos ou cachorros, neste caso os da raça *pointer inglês*, as qualidades que interessam a uma prática venatória não é algo dado *a priori*. A qualidade de *caçadoras* atribuídas às cachorras não está presente em qualquer cachorro da raça *pointer inglês*. Para esses serem designados caçadores, um processo gerativo, que virei abordar, deve ocorrer em seu desenvolvimento. É necessário um engajamento ambiental

específico que possibilitará, como aponta Ingold (2010), um '*redescobrimto dirigido*' desses não-humanos para o domínio da técnica empregada na caça a perdiz.

Por *redescobrimto dirigido*, entendo:

"O processo de aprendizado por redescobrimto dirigido é transmitido mais corretamente pela noção de mostrar. Mostrar alguma coisa a alguém é fazer esta coisa se tornar presente para esta pessoa, de modo que ela possa apreendê-la diretamente, seja olhando, ouvindo ou sentindo."(INGOLD, 2010, p.21)

Com isso, proponho-me a fazer um movimento em desdobrar essa ideia para o aprendizado dos cães *pointers* aqui estudados. Venho a me esforçar para tal feito, por notar, em razão de minha experiência etnográfica, que o processo de aprendizado desses não-humanos é pautado em um '*mostrar*', em um '*tornar presente*' uma série de relações induzidas. Essas vêm a constituir a técnica aos cachorros, bem como para os caçadores, e o processo é feito através de um engajamento ambiental específico. Ingold (2010, p.21) chama este engajamento de '*educação da atenção*'¹³, ou seja, não é por meio da assimilação de abstrações mentais ou esquemas que constituem a organização de dados colhidos pelas faculdades sensíveis dos seres vivos que constitui um conhecimento técnico, tão pouco por uma codificação existente no genoma desses seres. Ele se dá a partir de "uma sintonia fina ou sensibilização de todo o sistema perceptivo, incluindo o cérebro e os órgãos receptores periféricos junto com suas conexões neurais e musculares, com aspectos específicos do ambiente" (INGOLD 2010, p.21). Dito isso, acredito que o aprendizado desenvolvido pelas *pointers*, Asta, Brina e Chispa, é abarcado por essa perspectiva relacional, bem como por vários processos entre outros não-humanos e humanos também como Ingold (2010) argumenta em seu artigo "*Da transmissão de representações à educação da atenção*". Partindo dessas questões aqui apresentadas, podemos passar agora para o treinamento dos cachorros.

O treinamento dos cachorros *pointers ingleses* que são utilizados por esse grupo de caçadores para o rastreamento da perdiz no processo de caça, deve ser

¹³ "Aprender, neste sentido, é equivalente a uma '*educação da atenção*'. Eu tomo esta frase de James Gibson (1979, p. 254), cuja tentativa de desenvolver uma psicologia ecológica, que trata a percepção como uma atividade de todo o organismo num ambiente, em vez de uma mente dentro de um corpo, foi uma grande fonte de inspiração para a abordagem que adotei aqui." (INGOLD, 2010, p.21)

iniciado cedo, de preferência logo aos dois meses de idade do cachorro, e são os próprios caçadores que os treinam. Antônio, um dos caçadores mais experientes, era quem se ocupava dessa função. Era ele quem cuidava, durante todo o ano, dos cachorros, no que dizia respeito à alimentação, limpar o canil, providenciar as vacinas e afins. Todos os caçadores citados no presente trabalho, contribuíam financeiramente para a manutenção do canil no que diz respeito aos gastos das cachorras. Mas, quem empreendia cuidados a elas, diariamente, era o caçador Antônio, o qual, ao fim e ao cabo, era o dono delas, e meu grande informante nessa questão. Antônio sempre foi taxativo em dizer que esse método que empregava no ensinamento das cachorras já vinha de tempo e *dava certo!*

Como primeiro passo desse treinamento, tem-se o desenvolvimento da *confiança* entre o homem e o animal que deve ser cultivado, com esmero. Como assinalado por Antônio, *"o primeiro passo, é conseguir a confiança do filhote. Para isso, chame-o pelo nome (que de preferência deve ser curto e forte) e diga **agui** para condicioná-lo ao chamamento. Quando vier, faça-lhe um agrado para recompensar."*¹⁴

Aí vemos uma das primeiras relações necessárias a que o cachorro precisa estabelecer com o ambiente para a ocorrência do *redescobrimento orientado* da técnica que se quer desenvolver. O que quero pontuar com essa primeira passagem da fala do caçador Antônio, é que o próprio Antônio vem a fazer parte do ambiente que produz o *cachorro-caçador*, que esta primeira relação descrita por estabelecer a confiança entre humano e não-humano, emerge do ambiente em que eles se encontram. Com isso, podemos pensar que, ao se iniciar esse primeiro passo e um nome ser atribuído ao cachorro, este, deixa de ser um mero *pointer inglês*, categoria pertencente aos domínios biológicos da classificação, e passa a se relacionar com uma nova esfera, onde a condição de sujeito, ou seja, potencial *caçador*, emerge.

Tendo constituído o primeiro passo do treinamento, ou seja, a relação de *confiança entre humano e não-humano*, o próximo passo a ser estabelecido seria o que o caçador Antônio chamaria de *primeiros trabalhos* e eles consistiriam segundo meu interlocutor em:

Depois disso, para ensiná-lo a cobrar [trazer de volta] a peça, faça uma pequena bolinha de papel (pode ser de jornal) e jogue-a a uma pequena distância, meio metro é o suficiente e deixe-o pegá-la. Assim que pegar,

¹⁴ Comunicação pessoal estabelecida com o interlocutor Antônio, via entrevista formal datada em 20/12/15.

chame-o e pegue a bolinha de sua boca, fazendo um belo agrado [fazer um carinho, dar um biscoito] pelo trabalho. feito.

O pointer tem um sentido que o atrai a tudo o que se movimenta; pode ser um pássaro, uma borboleta ou mesmo uma bolinha de papel. Dessa forma, é importante que ele veja a bolinha sendo jogada, para atraí-lo.

Com o tempo, faça uma bolinha de pano e jogue-a cada vez mais longe e ele, naturalmente, irá buscá-la. Nunca esquecer do agrado que o deixará faceiro e motivado a repetir a tarefa. Quando estiver bem esperto com relação a esse trabalho, pode ser usada uma bola de tênis. De preferência, um pouco murcha, para poder ser lançada mais longe, sem muitos piques.

[Importante: esses exercícios devem ser feitos poucas vezes ao dia para que o cão não enjoje do brinquedo.].¹⁵

Esse seria o momento onde os cachorros apreenderiam a técnica de *retriver*. Esta, como Antônio nos fala, deve ser gradual no que se refere ao tamanho e a distância do que deve ser *cochado*, ou seja, buscado. Ao desenvolver-se certa destreza do cachorro nesses *primeiros trabalhos*, este é deixado um pouco de lado no treinamento, que ocorre uma ou duas vezes por semana, e os *trabalhos objetivos* começam a ser experimentados, e segundo o Antônio diriam respeito a:

Além de trazer a peça, o cão precisa achar a caça e marcar (amarrar) onde ela está, esperando a ordem do caçador para levantá-la e dar chance de tiro.

Para que aprenda a amarrar, pegue uma vara de pesca, não muito flexível, com uma linha de uns dois metros e na ponta coloque algum objeto que desperte a atenção do cão. Eu sempre guardava algumas pontas de asas de perdizes, aquela que praticamente é só osso, não tem carne, deixava com todas as penas e colocava em água e sal para “charquear” para que elas não estragassem.

Depois que a asa secasse, amarrava-a, então, na linha com a vara de pesca e sacudia para atrair a atenção do cão. O primeiro impulso dele era se jogar com tudo para pegá-la. Eu, então, levantava rapidamente a peça com a vara para fora de seu alcance.

Em seguida, colocava novamente no chão, um pouco longe do cão e ele novamente se jogava com tudo e eu levantava a peça, não o deixando pegar.

Em pouco tempo, o cachorro passava a olhar a peça e amarrava, ficando estático. Nesse momento, eu dizia para ele avançar e, se avançasse, sob comando, deixava-o apanhar a peça e o fazia trazê-la para mim, com o fundamental agrado para recompensar o trabalho realizado.

Dessa forma, ele aprendia que, para pegar o alvo, teria de parar e aguardar a ordem.¹⁶

¹⁵ Idem

¹⁶ idem

Figura 3.1 - Treinamento para *amarrar*.



Fonte: Acervo pessoal de Antônio.

Os *trabalhos objetivos do treinamento* dizem respeito à técnica da *amarrada*, importante gesto na prática venatória. Gostaria de, a partir dessa última parte relatada do treinamento, refletir acerca do processo de aprendizagem dos *pointers*, mais, especificamente, de como este é constituído na relação Antônio-cachorro. Pensemos o "*theoretical framework*" que Bateson (1972) propôs para pensar os cetáceos e sua comunicação e aprendizagem:

"(1) that a relationship between two (or more) organisms is, in-fact, a sequence of S-R sequences (i.e., of contexts in which proto-learning occurs) ; (2) that deuterolearning (i.e., learning to learn) is, in fact, the acquiring of information about the contingency patterns of the contexts in which proto-learning occurs; and (3) that the "character" of the organism is the aggregate of its deuterolearning and therefore reflects the contextual patterns of past protolearning."(BATESON, 1972 p. 369)¹⁷

Escolhi essa parte do treinamento para elucidar esses apontamentos acima, pois compreendo essa parte do processo sendo especialmente significativa. Gostaria de sublinhar apenas que esses apontamentos de Bateson são válidos para pensar todos os momentos do treinamento do cachorro pointer, desde o estabelecimento da confiança entre humano e não-humano até a ida a campo do caçador e do cachorro. Voltemos aos *trabalhos objetivos*. Como exposto por Antônio, nessa parte do treinamento, é necessário ensinar a posição da *amarrada*. Esse sinalizar que a posição traz constitui como significante e é estabelecido em uma tríade de relações, Antônio-cachorro-asa. É desse contexto que emerge um engajamento relacional específico do cachorro com determinados padrões de contingências produzidos pelo caçador Antônio, e sendo este mesmo um desses padrões, surgindo, assim, o processo de "*learning to learn*". Como indica Bateson,

¹⁷ S - R, são abreviações para estímulo e resposta.

seria desses processos, o engajamento relacional e o "*learning to learn*", que surgiria as características do organismo. Isto é, quando Antônio levanta a vara de pesca sinalizando ao cachorro que não deve pegar a asa, sem antes *amarrar*, está a produzir um padrão e contingências dentro da tríade relacional Antônio-cachorro-asa, e é a partir da interatividade dos dois processos citados acima que o '*redescobrimento dirigido*' acontece, trazendo consigo características que são desejadas para o determinado organismo. O estímulo aqui apresentado, obviamente, encontra-se na tríade que cito acima, mas não é um objeto em si. Poderíamos pensar que o estímulo aqui seria a asa, mas, não, este se encontra na ação em que a tríade é estabelecida em si, ou seja, ele, o estímulo, é a ação que Antônio faz para gerar uma resposta do *pointer*-neófito. Logo, assim, penso que dependerá de um engajamento ativo e interessado do *pointer* nas relações que compõem o circuito de comunicação e aprendizagem que se estabelece entre Antônio-cachorro-asa o bom desenvolvimento da técnica discutida. Ao estabelecer uma boa comunicação, o cachorro *amarra* e, então, vai buscar a asa, quando receber o sinal, Antônio pontua que deve ser feito um *agrado* que coroaria o bom desempenho do aprendiz. Penso que, de certa forma, o *agrado* não marcaria só o bom desempenho do cachorro, mas, sim, o bom desfecho da comunicação aqui desejada. Antônio faz um carinho no aprendiz, bem como, em alguma medida, a boa resposta à ação de Antônio pelo aprendiz é o *agrado* que o cachorro demonstra por ele. Essa parte do treinamento era feita com uma certa constância, semanalmente, para ser mais exato, durante o período que precederia o próximo passo do treinamento, que segue abaixo, de duração variável.

Com um certo domínio das técnicas desenvolvidas nos *trabalhos objetivos* era possível partir aos *trabalhos de campo*. Segundo Antônio essa etapa de aprendizagem dos cachorros consistiria, novamente, no aprendizado do *retrieve* e da *amarrada*, mas, já inseridos em um outro contexto, estabelecendo diferentes relações. Segundo meu interlocutor, esse momento consistiria em:

Nas primeiras saídas, fazia com que andasse [o filhote/aprendiz] no campo na companhia de um cão experiente, a fim de que se habituasse ao local de "trabalho".

A seguir, levava umas codornas japonesas que são bem parecidas com a perdiz, só que um pouco menores. Amarrava em uma de suas pernas um fio (+/- 50 cm.) daquele de amarrar mudas que é bem leve e, pela cor vermelha, fácil de se ver, e a soltava no campo, sem que o cão visualizasse.

Marcava o local onde estaria a codorna e saía um pouco distante com o cão, voltando em direção à codorna, sempre contra o vento para que ele sentisse o odor da peça.

Isto era fácil, pois, de longe, dava para ver onde a codorna estava pelo fio a ela atado.

Quando o cão sentia o olfato, normalmente, estancava, pois, era algo novo e ele não sabia exatamente o que fazer. Chegava, então, perto dele e ordenava que avançasse. Quando a codorna sentia a aproximação, voava para escapar. Como ela tem o voo curto, cerca de uns 30 metros, logo pousava e o cão a apanhava e trazia para mim, sem machucá-la, deixando-a apta para outros voos.

*Desta maneira ele já sabia o que se buscava e o que deveria ser feito.*¹⁸

Acho interessante na passagem do treinamento acima citada, o primeiro passo apontado por Antônio, ou seja, a necessidade de um cão experiente para a *habituação* com o lugar do *trabalho*, ou seja, o *campo*, para o aprendizado do filhote. O que se apresenta com isso é mais uma contingência que compõe o respectivo *redescobrimento dirigido*. Ao mostrar-se a necessidade de o cão experiente no processo aqui discutido, vemos que o se *habituar*, dito pelo interlocutor, pode ser pensado a partir do que Ingold (2010) entende como *mostrar*, força motriz no processo de aprendizagem.

Feita a *habituação*, vemos que o próximo passo nos *trabalhos de campo* era mostrar ao cachorro o que ele deveria fazer e buscar naquele ambiente. Antônio disse-me que nessa parte do aprendizado os cachorros neófitos ainda não dominam o gesto do *lacet*, e, assim, a movimentação dos *pointers* nessas saídas a campo são um tanto quanto desajeitadas, as locomoções são curtas e irregulares, não apresentando um padrão. As *estancadas* ditas por meu informante referem-se a proto-*amarradas*, versões inacabadas e vacilantes desse gesto. Penso que essa distinção é feita em razão de a função significativa da *amarrada* emergir na relação com outro gesto, o *lacet*, questão que voltarei a frente, não sendo meramente por acaso o uso de um termo distinto para se referir ao respectivo gesto.

Feita a aproximação do cachorro, este deveria ir de encontro à codorna para fazê-la voar, *levantar* a codorna. Buscar a codorna era um momento de tensão, como o caçador Antônio confidenciou-me, e algumas codornas poderiam vir a morrer nesse processo, pois, o cachorro, ainda não treinado, a morderia com muita força, algo não desejável, muito ruim, em razão de que durante uma caçada, o cachorro, ao fazer isso, destruiria a perdiz, comprometendo seu futuro consumo. Meu interlocutor dizia que, se o cachorro matasse a codorna, deveria ser repreendido de

¹⁸ Comunicação pessoal estabelecida com o interlocutor Antônio, via entrevista formal, datada em 20/12/15.

forma enérgica, dando algumas palmadas com algo que fizesse barulho, um jornal, por exemplo, e feito isso uma ou duas vezes, se necessário, o *recado* já era dado. Essas idas a campo não são frequentes, uma média de três a cinco vezes eram necessárias para o pointer assimilar essas tarefas e compreender o que deveria desempenhar. Aqui, acho interessante marcar uma questão. Como apontado pelo caçador Antônio, é necessário apenas de três a cinco saídas para a assimilação da tarefa pelos cães nos *trabalhos de campo*. O que gostaria de salientar é que, se pensássemos que os cachorros estariam sendo condicionados, a quantidade das saídas a campo, com eles, não seria suficiente para tal condicionamento. O que me pareceu, ao conversar com meu interlocutor a respeito desse ponto, foi que os cachorros, nessa altura do treinamento, já conseguiram *aprender*, e o que está em jogo não é um condicionamento, mas, sim, uma boa comunicação entre o cachorro e as contingências que se apresentam a ele.

Apresentando essas contingências, durante o treinamento do jovem *caçador*, fazendo-o a que se *habituasse* a elas, podemos passar para o momento ápice da relação entre não-humanos e humanos aqui discutida, que Antônio nomeou como "Iniciando na Caça". Mas, antes uma breve pergunta pode ser feita, não para ser respondida, pois, tão pouco tenho essa pretensão, mas, para ser deixada em aberto: seriam os "*habitus*" (MAUSS, 1974 p.404) já tanto discutidos dentro do campo antropológico questões relevantes apenas aos humanos, ou poderíamos alargar essas ideias ao campo dos animais, bem como no caso que aqui se apresenta, no que tange as técnicas do *retrivier*, *lacet* e *amarrada*, por exemplo, que são ensinadas aos *pointer*?

Dando prosseguimento ao trabalho vejamos o que meu interlocutor tem a dizer sobre o momento que este chama 'Iniciando na Caça':

Chega então a hora de ir ao campo para o real objetivo de todo o treinamento.

Novamente, deve-se sair com um cão veterano e calmo, que dê tempo do filhote acompanhá-lo. Digo filhote pois este deverá estar por volta dos seis meses e, se o treinamento anterior for bem feito, caçará já na primeira saída.

Figura 3.2 - Primeira saída a campo: Cão veterano, caçador e *pointer*-neófito.



Fonte: Acervo pessoal de Antônio.

Quando os cães estiverem um pouco distantes, dê um ou dois tiros para o ar, para que o novato se habitue com o mesmo, sem desenvolver um certo temor de tiro que é algo muito difícil de curar.

Quando o cão experiente amarrar, o filhote deverá estar junto e poderá amarrar junto. Caso isso não ocorra e ele “estoure” a perdiz, dê-lhe uma reprimenda para que não avance sem o comando.

Assim que ele amarrar com o cão veterano e a perdiz levantar, atire e derrube-a. Normalmente o cão mais velho chegará antes e trará a peça. Segure então o cão velho, chame o novo e mostre-lhe a perdiz abatida, movimentando-a bastante em sua frente. A seguir, jogue-a a uma boa distância, deixando o cão ver o lançamento e mande-o buscá-la. Assim que trazer a peça, faça-lhe um belo agrado pois é a parte final do ensinamento. Quando o cão novo passar a disputar a busca da perdiz com o velho, é hora de parar com a saída e passar a sair apenas com ele que já saberá o que fazer.

Esta é a maneira que ensinei todos os meus cães e, posso dizer, os resultados sempre foram ótimos.¹⁹

Figura 3.3 - Mostrando a perdiz para o *pointer*-neófito



Fonte: Acervo pessoal de Antônio.

¹⁹ Comunicação pessoal estabelecida com o interlocutor Antônio, via entrevista formal datada em 20/12/15.

Aqui novamente podemos ver algo interessante, primeiramente vemos que todo o redescobrimento orientado, o qual discuto, acontece nos 6 primeiros meses de vida do *pointer*, segundo a presença de um cachorro *veterano*. Como falado acima, algumas outras contingências são apresentadas para o filhote, como a questão do tiro, e do *estourar* a perdiz. Mas ao voltar às notas acerca do tema aqui discutido, percebi a ausência do processo de aprendizagem de um gesto, o *lacet*. Ao interpelar meu interlocutor acerca do tema, descobri que o *lacet* era um gesto gerado/mostrado para o filhote na relação cão veterano-aprendiz. Era partindo desse momento acima descrito, que esse gesto era apreendido pelo neófito canino. Podemos pensar nessa situação, bem como no resto do processo, claro que com as particularidades de cada momento, a seguinte passagem:

"But in seeking to emulate the work of the tutor, the novice is guided by the latter's movements, not by formal instructions that have somehow been already copied into his or her head. As Merleau-Ponty 'put it citing the pioneering work of Paul Guillaume on imitation of children we do not at first imitate others but rather the action of others, and ... find others at the point of the origin of these action.' (1964b: 117, see also Bourdieu 1977:87). It follows that the reproduction of movement patterns is a function not of the fidelity with which information specifying these patters is copied from one generation to the next, but of the co-ordination of perception and action that lies at the heart of practical mimesis."(INGOLD, 2002, p. 358, apud. Merleau-Ponty 1964b)

Merleau-Ponty se utiliza do trabalho de Guillaume, para demonstrar os processos de imitação entre crianças. Para ele, a imitação não é tomada como uma repetição perfeita do que se vem a imitar, ela é antes um processo interativo entre um noviço e um guia, onde o segundo tem como função apresentar as coordenadas que possibilitaram o redescobrimento de uma certa técnica pelo noviço. Esse redescobrimento ao qual me refiro, tem como mediação as faculdades perceptivas e motoras do iniciado, o que implicam não em uma imitação perfeita dos padrões passados pelo guia, mas sim num exercícios de imitar as suas ações, que passam por uma mediação do próprio corpo do iniciado. Essa imitação seria uma maneira de o neófito se engajar no *redescobrimento dirigido*, ou seja, ao se imitar as ações do *pointer* experiente, o aprendiz coloca-se em determinados modos de atenção, onde vem a descobrir as nuances da técnica que vem a ser apresentada para ele. Venho a trazer essa discussão, para tentar pensar o caso do cachorro veterano e do filhote, no que concerne o gesto do *lacet*.

Penso que a emergência desse gesto no processo de aprendizagem pode ser pensado por essa chave de leitura discutida acima. O *veterano* aqui necessário

nessas primeiras caçadas, tem como incumbência atribuída primeiramente *mostrar* o gesto do *lacet* para o filhote, que, segundo Antônio, tentaria o imitar e seguir; bem como demonstrar a *lida*²⁰ que deveria fazer no campo, a sinalização, a busca da perdiz. Não apenas o gesto do *lacet* era mostrado ao cachorro neófito nessa parte do treinamento, outra questão de suma importância que concerne esse gesto emerge, venho a chamar ela de ponto de contato entre "*campos operacionais*" (SAUTCHUK, 2007 p.88). Como discutido no primeiro capítulo, o *pointer*, para ser um bom caçador, não deve *estourar* as perdizes, ou seja, deve comunicar ao caçador que sentiu o *índice* da ave por meio da primeira quebra rítmica antes de continuar essas e assim adentrar o "*campo operacional*" dela. Partindo de minhas conversas acerca do aprendizado aqui discutido, pude refletir que, uma questão que concerne à *lida*, o trabalho das *cachorras-caçadoras* em campo é manter essa distância entre os campos operacionais do caçador e da perdiz. Claramente a perdiz também deve adentrar o campo operacional por meio das quebras rítmicas somente ao sinal do caçador. Com isso, gostaria de refletir que, não meramente o gesto do *lacet* é mostrado nessa parte do treinamento, mas também essa distância necessária entre os campos operacionais, onde é por meio do *pointer* que esses são postos em contato, para, assim o desenvolvimento do ato venatório continuar, que vem a ser o *pointer* levantar a perdiz para, assim, o caçador efetuar o disparo de forma mais preparada. Com isso, o processo da *lida* vinha a ser coroado com a busca da perdiz abatida, devendo ser sinalizado ao cachorro com um gesto de afeto, que constituía, como relatado por meu interlocutor, parte importantíssima do processo de aprendizagem. Como pontuado acima, a hora de caçar, sozinho com o aprendiz, é demonstrada pelo caráter de competição entre veterano e noviço. Quando isso viesse a ocorrer, o filhote estaria pronto para a *lida* sozinho.

Quanto ao *lacet*, é interessante pontuar que o noviço não apresentaria o gesto com destreza logo de início, mas bastava essas primeiras saídas a campo com ele, para ele entender seu movimento. Esse gesto devia ser acompanhado pelo caçador com atenção. Nas próximas saídas, já sem o veterano, do filhote para caçar, em casos de o *lacet* ser feito de forma muito ampla ou distante, gritos como '*hoooup, hoooup!*' deviam ser dados para chamar a atenção do cachorro e sinalizar que o gesto deveria ser feito de forma mais curta ou próxima ao caçador.

²⁰ Por *lida*, o nativo do presente trabalho, refere-se ao trabalho de campo exercido pelos cachorros, ou seja, toda a disposição técnica exercida por estes no processo venatório.

Como confidenciou-me Antônio, cada cachorro tinha suas particularidades na caçada e elas emergiam nos gestos técnicos e nos ritmos desses, que vinham a surgir. É interessante pensar que, mesmo que os *pointers* de Antônio passem por um mesmo método de ensinamento das técnicas venatórias que aqui ganham relevância, na *lida* do campo, os mesmos assumiam contornos particulares na prática exercida.

Tendo comentado todo esse processo de aprendizagem que é desenvolvido por Antônio juntamente com os cachorros-caçadores da raça pointer, gostaria de refletir sobre o "processos de individuação" (SAUTCHUK 2007, p. 127) que venho discutindo no presente trabalho. Com base em minhas observações exercidas em campo, bem como meus diálogos com meus interlocutores, gostaria de refletir sobre alguns pontos que se apresentaram tanto no processo de aprendizagem, como nas *lidas* de campo que servem como fatores de diferenciação, por exemplo, no caso do cachorro Thor e das cadelas Asta, Brina e Chispa.

De início gostaria de refletir sobre a ideia de *affordance*²¹, como nos aponta Reed (1994) de forma muito clara e informativa:

"The key insight for anthropology from ecological psychology is an extension of Gibson's discovery that perception is awareness of what he called *affordances* of the objects, places and events surrounding us, through the detection of *ecological information* (Gibson 1979, Reed 1986). The affordances of things that are specified by this information are ecological values for observers, they are opportunities for doing something, for obtaining, or hindrances such as traps and dangers. In addition, whereas inanimate objects afford actions (to obtain the use values or to avoid the dangers), animate objects afford interaction, and socialized objects afford proper (as against improper) action and interaction." (REED, 1994 p. 112)

Gostaria de refletir com a passagem acima, os diferentes *affordances* que estão imbricados nos distintos processos de crescimento, no que tange ao cachorro Thor, de um lado, e as cadelas Asta, Brina e Chispa de outro. Thor, o *pointer* de Clécio, no que me permito especular, foi criado para ser um cachorro doméstico, ou seja, calmo, brincalhão e protetor da casa. Diferentemente de Asta, Brina e Chispa, como tentei mostrar no presente capítulo, pois o processo de crescimento no qual elas se desenvolvem reúne diversas contingências específicas que são apresentadas a elas por Antônio para a apreensão da técnica de caça desejada. O que penso diferenciar esses *pointers ingleses* aos quais me referi, são justamente os

²¹ Affordance, pode vir a ser traduzido como reconhecimento, tradução usada amplamente nas áreas de design e arquitetura, ou "propiciação" como indica Otávio Velho (2001, p, 136).

affordances que são mostrados, desenvolvidos e compartilhados por esses humanos e não-humanos. Quando utilizo acima a ideia de '*learning to learn*', bem como do *redescobrimento dirigido*, questões que tento relacionar, vejo que o que se apresenta é uma socialização dentro da seguinte chave de leitura:

"From an ecological point of view, to be socialized involves above all two things. First, the awareness of what I can afford you; that is the observers awarenesses of their own affordances for other. (...) Secondly, there is the 'socialized awareness' of the environment - my being aware of what they afford to me. I cannot undertake to help you unless I perceive what it is that you need, what affordance would satisfy your present intentions."(REED, 1994 p. 122)

Com isso podemos pensar os primeiros passos para essa socialização, a partir de uma perspectiva ecológica no *redescobrimento dirigido* aqui abordado. Ao Antônio apresentar uma contingência ao filhote *pointer*, este terá que agir de alguma forma como visto nos diferentes passos apresentados no treinamento, logo, assim, essa ação é dada dentro de uma relação específica que espera uma determinada resposta. Para que o filhote aprenda o que é desejado por Antônio, este, primeiramente, deve ter alguma compreensão de que, dependendo como agir, ele poderá ser corrigido energicamente, ou receber um afago. Isso está imbricado nas possibilidades de *affordances* que ele percebe na relação na qual está engajado, bem como o afago ou a correção são *affordances* dos quais Antônio desfruta na relação para sinalizar um erro ou um acerto na ação tomada pelos filhotes. O segundo ponto, o "*socialized awareness of the environment*", penso estar ligado à intenção do que se quer ensinar nas diferentes fases do aprendizado, ou seja, as técnicas que serão empregadas na caçada pelos *pointers*. Como dito brevemente acima, Antônio apresenta uma série de contingências para o *pointer*-neófito e elas possibilitam uma apreensão da intenção do que se quer ensinar a eles. Antônio, como já pontuado, é parte ativa desse ambiente no qual o filhote está engajado, bem como o cachorro experiente e todos os outros artefatos que são utilizados no aprendizado aqui discutido.

Os dois pontos aqui discutidos, não se dão de forma separada, são, na verdade, condições um do outro. Quando venho a pensar o '*socialized awareness of the environment*', gostaria de marcar que esse vem a ser constituído pelos '*affordances*' envolvidos no 'redescobrimento orientado' aqui discutido, no qual tanto Antônio, como os filhotes *pointers* estão engajados. Como tentei mostrar acima pelas falas que trago do meu interlocutor, uma série de contingências são

apresentadas durante o aprendizado que se desenvolvem e são dessas contingências, que emergem tanto uma detecção de valores informacionais ecológicos, como os valores ecológicos dos '*affordances*' que são desenvolvidos.

Esses '*affordances*' que constituem um determinado '*socialized awareness of the environment*', bem como o inverso, são as condições que possibilitam um cachorro da raça *pointer inglês* não estar apenas em uma categorização biológica, mas participar ativamente de um processo de gênese técnico-perceptiva como apresentado no capítulo anterior. Por meio de um '*socialized awareness of the environment*' compartilhado em certas instâncias entre Antônio, Davi e Celso de um lado, e Asta, Brina e Chispa de outro, é que esses podem caçar as perdizes, individuando-se por meio dessa técnica que depende previamente do respectivo treinamento. É por meio dessa relação venatória que uma certa socialidade se desenvolve, alguns se tornam caçadores, outras, *caçadoras*.

Ao apontar essa 'socialidade' e seus desdobramentos, permito-me especular algo sobre a pergunta acerca dos "*habitus*" lançada acima, no que tange ao seu alcance. Como aponta Mauss (1974):

"Assim, durante muitos anos tive a noção da natureza social do "*habitus*": Observem que digo em bom latim, compreendido na França, "*habitus*"; A palavra exprime, infinitamente melhor que "*hábito*", a "*exis*" [*hexis*], o "*adquirido*" e a "*faculdade*" de Aristóteles (que era um psicólogo). (...)Esses "*hábitos*" variam não simplesmente com os indivíduos e suas imitações, variam sobretudo com as sociedades, as educações, as conveniências e as modas, os prestígios." (MAUSS, 1974 p. 404)

Penso que se um processo de gênese técnico-perceptiva que é abordado no trabalho, bem como a aprendizagem das técnicas necessárias para os *pointer ingleses* engajarem-se nessa prática, são ambas questões que apontam para práticas de socialidades entre os entes envolvidos, que possuem dimensões estéticas e técnicas particulares. Penso que, em alguma medida, um "*habitus*" compartilhado no que concerne as ideias de Mauss, pode ser esboçado no que diz respeito a relação constituída entre as *caçadoras* (aqui me refiro Asta, Brina e Chispa) e aos caçadores. Davi e Celso necessitam para se engajar no ambiente de forma profícua para com o que desejam achar, perdizes, da presença de Asta, Brina ou Chispa. Esses estabelecem uma relação de interesse mútuo por um objetivo, que atende uma certa forma técnica compartilhada (*lacet, amarrada, levantar a ave, tiro etc.*) fruto desenvolvido de um "*habitus*" constituído e reatualizado, anualmente, pelas partes envolvidas. Como Mauss (1974, p. 403) aponta, as "especificidades são

o caráter de todas as técnicas.", sejam elas relativas ao dormir, comer ou andar dos seres humanos, ou ao farejar, perseguir e buscar dos cachorros aqui envolvidos, em ambos os casos a forma da ação se desenvolve por meio de uma prática ecológica e social. Penso, assim, que, para meus nativos humanos, atribuir a palavra '*caçadora*' as cachoras pointers, demonstrava não só um reconhecimento de suas técnicas, mas um investimento afetivo na relação de socialidade que ambos compartilhavam nos campos uruguaios.

4. CONCLUSÕES

Chegamos, assim, ao momento final do presente trabalho. Muitas questões foram suscitadas a partir de meu trabalho de campo com os caçadores e *caçadoras*, que pude acompanhar nos invernos 2015 e 2016. Tentarei, brevemente, apontar alguns pontos que desenvolvi nas páginas acima, bem como apontar futuros possíveis desdobramentos acerca de assuntos que apareceram em meu campo.

O primeiro ponto que gostaria de abordar brevemente é o das mudanças nos *campos* uruguaios, no que diz respeito ao interesse dos caçadores, ou seja, as perdizes. Como os caçadores comentavam, constantemente, bons campos para o ato venatório eram mais raros de se encontrar, na região, que costumavam frequentar, em razão das grandes plantações de pinus (*Pinus elliottii*). Situação que vinha a acontecer pelo uso de pesticidas nessas plantações, que, segundo meus nativos, essas substâncias matariam os insetos que era uma das fontes de alimentação das perdizes. Além de não encontrar mais essa fonte de alimentação por esses campos, em muitos casos, também, ingeriam insetos contaminados pelos pesticidas, gerando, assim, a morte das perdizes, reduzindo, terrivelmente, a população dessas aves. De fato, as encostas das estradas uruguaias²² da região de Riveira e um tanto quanto da região de Tacuarembó eram emolduradas por longas plantações de pinus. Sem dúvidas, essa mudança na paisagem dessas regiões, as quais outrora eram fazendas de gado onde ocorria a expressão da vida campeira do gaúcho entre outras práticas, como comentavam os caçadores, devem ser afetadas em diferentes espaços e camadas no que tange às populações que habitam esses territórios. Trago nesse trabalho apenas um desses desdobramentos, brevemente, e a curiosidade de conhecer os outros.

Dando seguimento, o primeiro capítulo abordou uma técnica empregada na técnica que pude acompanhar. Como destaquei, o trinômio caçador-*caçadora*-perdiz são protagonistas, porém, diferentes fatores como o vento, o campo com as características específicas buscadas pelos caçadores, devem também ser levados em conta para uma prática satisfatória do ato venatório. Esses outros fatores que estão fora do trinômio que vim a dar maior atenção no presente trabalho, são fatores constituintes do processo de gênese técnico-corporal e perceptual dos caçadores,

²² Ruta 5 em Riveira; Ruta 31 Tacuarembó.

bem como em alguma medida das *caçadoras*. O que tentei mostrar, com maior ênfase, nesse primeiro capítulo, foi o que Sautchuk (2007) mostra acerca dos proeiros:

"(sic) gênese técnico-corporal como fator determinante para a individuação do proeiro, é em certo sentido limitante entender que a conjugação com o arpão e a formação de um campo operatório sejam aplicações de relações humanas ao mundo não humano." (SAUTCHUK, 2007, p.133)

O que tentei trabalhar foi essa ideia, em dois sentidos, dentro do trinômio que dei relevância, ou seja, como a individuação dos homens depende da conjugação da espingarda, dos fatores relevantes dos campos (aqui, entenda-se a relação acerca dos ventos, bem como dos campos que as perdizes '*gostam*' de habitar) e de sua comunicação com as caçadoras, bem como a individuação das dessas também partiriam de uma conjugação dos ventos e de uma boa comunicação com os faros das perdizes e com seus companheiros de campo. O que gostaria de deixar marcado, aqui, é que, em ambos os processos de individuação, as formações dos respectivos campos operatórios envolvem 'relações humanas ao mundo não humano', ou seja, para os homens virarem caçadores, eles necessitam conjugar diferentes relações com esse mundo não-humano para assim se tornarem caçadores ao caçar. Já as cadelas necessitam conjugar relações humanas ao seu mundo não-humano, para assim se tornarem também *caçadoras*. Os processos de individuação aqui discutidos, dependem necessariamente um do outro para ocorrer, resultando nessa interação, o meio de caçar a perdiz e de coroar essa gênese técnico-corporal perceptiva.

No segundo capítulo, em razão do interesse que tive a partir de meu campo, decidi levantar dados referentes ao treinamento dos cachorros da raça *pointer ingles* por meio de entrevistas com meu nativo Antônio. Tentei pensar o treinamento por algumas chaves de leitura onde não se atribuiria às ações dos pointer a um instinto caçador. Fiz uma leitura do treinamento, por uma via processual, onde as técnicas que são ensinadas aos cachorros são desenvolvidas e não dadas *a priori*. Tento especular ao término do capítulo acerca de um "habitus" (MAUSS, 1974, p.404) compartilhado entre caçadores e *caçadoras* que viria a ser desenvolvido, em razão de a técnica venatória ser pensada como uma relação de socialidade. Venho a especular que as partes, em algum grau, compartilhariam um interesse mútuo de estarem engajadas em um respectivo ambiente, que ganha contornos específicos a partir da técnica que deseja ser praticada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, André. Argonautas do Manguê. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2004.
- BATESON, Gregory e MEAD, Margaret. Balinese Character - a photographic analysis. Special Publications of the New York Academy of Sciences, vol. II, 1942.
- BATESON, Gregory Steps to an Ecology of Mind: Collected Essays in Anthropology, Psychiatry, Evolution, and Epistemology. University Of Chicago Press. 1972.
- DEVOS, Rafael, VEDANA, Viviane e BARBOSA, Gabriel C. Paisagens como panoramas e ritmos audiovisuais: percepção ambiental na pesca da tainha. GIZ – gesto, imagem e som – Revista de Antropologia, v.1, n.1, 2016 p.1-23, 2015.
- GIBSON, J.J. 1979. The ecological approach to visual perception. Boston: Houghton Mifflin.
- INGOLD, T. Da transmissão de representações à educação da atenção [Trad José Fonseca]. Educação. Porto Alegre, v. 33, n. 1, p.6-25, jan.-abr. 2010.
- INGOLD, Tim. Repensando o Animado, Reanimando o Pensamento. Espaço Amerindio, v. 7, n. 2, p. 10-25, 2013.
- INGOLD, T. The perception of the environment: essays on livelihood, dwelling and skill. London: Routledge, 2002.
- INGOLD, Tim. Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. Petrópolis: Vozes, 2015. and New York: Routledge, 2011.
- FAUSTO, Carlos. Banquete de gente: comensalidade e canibalismo na Amazônia. Mana, v. 8, n. 2, p. 7-44, 2002.
- MAUSS, M. As técnicas do corpo. In: MAUSS, M. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003c. p. 399-422.
- MERLEAU-PONTY, M. 1964b. The child's relations with others, trans. W. Cobb. In The primacy of perception, and other essays on phenomenological psychology, the philosophy of art, history and politics, ed. J. M. Edie. Evanston, Ill: Northwestern University Press, pp. 96–155.
- REED, E. 1994. The affordances of the animate environment: social science from the ecological point of view. In: Ingold, T. (org.). What is an animal? Londres; Unwin Hyman: 110-26.
- SAUTCHUCK, Carlos Emanuel. O arpão e o anzol: técnica e pessoa no estuário do

Amazonas (Vila Sucuriju, Amapá). 2007. 402 f. Tese (Doutorado em Antropologia)- Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

SORDI, Caetano. Projeto e processo em dois contextos cinegéticos: a caça menor na Andaluzia e a "guerra ao javali" no Rio Grande do Sul, aproximações etnográficas. In: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 29, Natal/rn. Reunião Brasileira de Antropologia. Natal: Rba, 2014. p. 1 - 19. 2014.

SUSSEKIND, Felipe. O Rastro da Onça- Etnografia de um projeto de conservação em fazendas de gado do Pantanal Sul. Tese (Doutorado em Antropologia) - Museu Nacional - UFRJ, Rio de Janeiro, RJ, 2010.

VELHO, Otávio ; De Bateson a Ingold: Passos na Constituição de um Paradigma Ecológico. Mana (Rio de Janeiro), Museu Nacional-Rio de Janeiro, v. 7, n.2, p. 133-140, 2001.